# O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO DE RADICALIZAÇÃO POLÍTICA

JOSÉ TOMÁS MOURATO GORDO SALGUEIRO

Orientadora de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES
Professora de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA TERESA GARCIA-MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

Ano Letivo 2023/2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da professora doutora Teresa Garcia-Marques, apresentada no Ispa – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

**Agradecimentos**

A conclusão deste projeto marca o fim de uma fase da vida de um estudante. Estes últimos 5 anos foram dedicados ao ISPA, instituição a quem devo uma grande parte da minha pessoa como mente e profissional em construção. Estou profundamente grato pelas oportunidades a que tive acesso através desta casa, pelas pessoas e ideias que tive o privilégio de poder dizer que fazem agora parte de um verde caminho, ainda por percorrer, lá fora.

Este projeto testou os limites das minhas capacidades académicas, pelo que seria injusto atribuir a sua conclusão a um indivíduo singular. Dedico este trabalho às pessoas especiais que me acompanharam ao longo do ano, quer de forma consciente, como inconsciente.

Em primeiro lugar, expresso uma profunda gratidão à minha companheira, que ao longo de todo o ano estendeu o seu amor, a sua mão e as suas palavras, que me deram a força e a claridade nas ideias para ultrapassar desafios. Ao acompanhar de perto a maneira como carrega a sua vida, inspirou-me a corresponder com a minha própria coragem e dedicação.

Em segundo lugar, agradeço à professora Teresa, que me orientou neste projeto. A sua ética de trabalho, baseada na confiança e no potencial dos seus alunos, manteve-me focado e sempre com um desejo de construir um projeto sólido e realista. Despertou em mim um grande interesse e respeito pela área de investigação, pelo que considero um privilégio ter trabalhado sob a sua orientação.

Em terceiro lugar, agradeço do fundo do meu coração aos meus pais, pela oportunidade de perseguir os meus estudos nesta instituição e por serem sempre um porto seguro.

Apesar de este projeto ser um final de um percurso estudantil, representa também o início de um caminho profissional. Levo comigo o aspeto mais importante que me deu esta faculdade, a fome de aprender.

**Resumo**

Atualmente, observa-se um crescimento da utilização de redes sociais como fontes de informação. Em paralelo, verifica-se também um aumento da polarização do discurso público. Neste sentido, o presente estudo foca-se na pesquisa de uma relação entre o tempo passado nas redes sociais e o nível de radicalização política, tendo em conta também o potencial impacto das características dos contextos *online* e *offline*, no processo de radicalização ao longo do tempo. Os dados são obtidos através de um inquérito, onde a *Activism and Radicalism Intention Scales* (ARIS) ocupa o papel principal na medição da radicalização política, esperando-se que os indivíduos que passam mais tempo nas redes sociais apresentem níveis superiores de radicalização política e que os contextos *online* e *offline* moderem a relação entre essas duas variáveis. Espera-se também que indivíduos com níveis superiores de ansiedade existencial passem mais tempo nas redes sociais e que a ansiedade medie a relação entre o tempo e o nível de radicalização, já que esta surge na literatura como um fator que motiva a aderência a conteúdos radicais *online*. Verificou-se que os indivíduos que passam mais tempo nas redes sociais também obtiveram valores mais altos na escala *ARIS*, relação sustentada principalmente pelo ativismo e que um contexto *online* diverso em informação modera esta relação. A ansiedade existencial não se revelou significativamente relacionada com o tempo nem com a *ARIS*. Adicionalmente, a idade apresenta um efeito de moderação para os indivíduos mais velhos. Os resultados são debatidos à luz da literatura e das suas implicações práticas.

**Palavras-chave:** Radicalização política; Redes sociais; Ansiedade existencial

**Abstract**

Currently, there is an increase in the use of social media as a source of information. Concurrently, there is also a rise in the polarization of public discourse. In this context, the present study focuses on the relationship between time spent on social media and the level of political radicalization, also considering the potential impact of the characteristics of both online and offline contexts on the radicalization process, over time. Data is collected through a survey, with the Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS) playing a key role in measuring political radicalization. It is anticipated that individuals who spend more time on social media will exhibit higher levels of political radicalization and that the online and offline contexts will moderate this relationship. Additionally, it is expected that individuals with higher levels of existential anxiety will spend more time on social media and that anxiety will mediate the relationship between time spent online and the level of radicalization, as anxiety is identified in the literature as a factor motivating adherence to radical content. The study found that individuals who spend more time on social media also scored higher on the ARIS, a relationship primarily sustained by activism, and that a diverse online informational context moderates this relationship. Existential anxiety was not found to be significantly related to either the time spent on social media or ARIS scores. Furthermore, age was found to have a moderating effect for older individuals. The results are discussed according to the literature and their practical implications.

**Keywords:** Political Radicalization; Social media; Existential anxiety

## Índice

Introdução……. 7

Métodos……. 12

Resultados……. 15

Discussão…….. 20

Referências bibliográficas…….25

Anexo 1: Revisão de Literatura……...……. 30

Anexo 2: *Attitudes-Behavior Corrective (ABC) Model of Violent Extremism*……. 44

Anexo 3: Sistema de fatores que influenciam as dinâmicas do processo de radicalização.. 45

Anexo 4: Validação do instrumento de medida para a população portuguesa……. 46

Anexo 5: Tabelas estatísticas……... 51

## Índice de figuras

Figura 1**:** Gráfico de dispersão das variáveis “Cont.On” e “Cont.Off”…….17

Figura 2: Efeito moderador do contexto na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política…….18

Figura 3: Efeito de moderação da idade na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política…….20

## Introdução

O presente estudo foca-se na pesquisa de uma relação entre a utilização de redes sociais e o nível de radicalização política de jovens portugueses. Atualmente, observa-se um crescimento da utilização de redes sociais como fontes de informação sobre o mundo, prevendo-se que estas possam vir a substituir os canais televisivos tradicionais (Wohn & Bowe, 2016). Em paralelo, verifica-se também um aumento da polarização do discurso público numa grande parte das democracias contemporâneas (Boxell et al., 2022; Carothers & O'Donohue, 2019; Westwood et al., 2018). Em Portugal, o Projeto Global contra o Ódio e o Extremismo (PGOE) identificou 13 grupos extremistas ativos, sendo que um deles ficou classificado como a terceira maior força política nas eleições legislativas de 2024 (Global Project Against Hate and Extremism, 2024; *Eleições Legislativas 2024*, n.d.-b). Estudos desenvolvidos nestas áreas parecem sugerir que é possível estabelecer uma relação entre a utilização de redes sociais e a radicalização política, no sentido em que as redes sociais, através das suas características específicas, podem fomentar a propagação e a adesão a crenças que resultam num aumento da radicalização política.

Neste estudo, aborda-se este tópico, procurando-se verificar a existência de uma relação entre o uso de redes sociais e a radicalização política, à luz das relações postuladas por estudos e literatura atual e prévia, que serão brevemente explorados nesta tese.

O ponto inicial para a compreensão desta relação parte da utilização da internet como fonte de informação de forma constante nos dias de hoje. Através de redes sociais, indivíduos encontram-se em constante contacto uns com os outros. O tipo e a quantidade de informação partilhada podem ter um impacto nos indivíduos, tanto a nível de crenças individuais, como no discurso público (Terren & Borge-Bravo, 2021). O desenvolvimento cada vez mais acelerado da Internet permite estabelecer uma linha de comunicação permanente, entre um indivíduo ou grupo radicalizado e indivíduos outrora inacessíveis, em espaços comunicativos fáceis de navegar sem qualquer experiência e de crescente popularidade entre os jovens (Hollewell & Longpré, 2022). O artigo de Hoffman (2002) chega até a sugerir que 90% da atividade terrorista se dá por via *online*.

Antes de mais, é necessário definir o conceito de radicalização política. Nesta tese, à luz das ideias de diversos autores, conceptualiza-se a radicalização política como um fenómeno consequente de uma sociedade polarizada, onde as crenças dos indivíduos assumem um grau de confiança tal, que acabam por destituir outros grupos políticos como agentes ilegítimos.

Desta desvalorização do outro decorre uma escalada de um repertório de ações não violentas para ações cada vez mais violentas, apesar de, na maioria dos casos, indivíduos adotarem ações ativistas não violentas, com o intuito de alterar um clima político (Almagro, 2023; Bosi & Malthaner, 2015; Della Porta, 2018).

A meta-análise levada a cabo por Kenyon et al., (2023), oferece conclusões compreensivas a respeito do papel e peso das redes sociais no processo de radicalização, bem como do perfil de indivíduo mais provável de se radicalizar por via *online*. Os autores analisaram uma amostra de 235 indivíduos condenados por crimes extremistas no Reino Unido e no País de Gales, com o objetivo de explorar o perfil sócio-demográfico e historial de ofensas, em relação ao contacto com a Internet ao longo do seu processo de radicalização. Os dados relevantes deste estudo apontam, em primeiro lugar, para o facto de 48% dos indivíduos se radicalizaram através de uma combinação de meios *online* e *offline*. Em segundo lugar, os resultados demonstram também que no que toca à radicalização *online*, a população de maior risco assenta sobre jovens, tanto do sexo masculino como feminino (até 25 anos), socialmente isolados, com um historial limitado de violência e demonstram uma elevada probabilidade de sofrerem de doença mental ou de um distúrbio de personalidade. Apesar disto, este mesmo estudo revela que indivíduos que se radicalizaram primariamente por vias *online* demonstram a menor probabilidade de passarem a atos violentos, em comparação com indivíduos que se radicalizaram por meios cara a cara, ou um misto de cara a cara e vias online (Kenyon et al., 2023).

O papel das redes sociais como um agente polarizador parece ser uma ideia bem estabelecida na literatura, apesar da discórdia entre quais são os mecanismos que promovem a polarização.

Por um lado, autores como Gimmler (2001) e Törnberg (2022), detém uma posição "otimista", defendendo os novos avanços na comunicação online como permissores de uma diversificação da comunicação ativa e promotores da variedade de pontos de vista, bem como a criação de um espaço online de conhecimento coletivo, democratizando o acesso à informação (Benkler & Nissenbaum, 2006). A chave da polarização está nas características da comunicação online, que parecem intensificar de maneira específica a categorização social *(social sorting)*, levando a que haja uma desqualificação de opiniões exteriores como menos legítimas. Assim, a base da compreensão do aumento da polarização política parece assentar sobre uma variação

do mecanismo universal humano de categorização social. Este mecanismo funciona no sentido de atribuir um sentido a um mundo social complexo, com as suas raízes assentes em sistemas perceptuais, conceptuais e sociais (Rhodes & Baron, 2019). Quando esta categorização de vários aspetos da vida social se alinham ao longo de uma identidade social definida por um partido político, dá-se o nome de *social sorting* (Mason, 2016). Tal acontece de modo a reduzir a pressão social de pertencer a grupos com misturas de comportamentos políticos. Central à compreensão deste ponto de vista, o conceito de *social sorting* parece servir como o mecanismo base para o aumento da polarização política, por sua vez potenciado pelas redes sociais.

Ao nível de grupos sociais em locais geográficos, o processo de *social sorting* parece ser apaziguado, dado que os diferentes conflitos entre indivíduos que partilham um espaço, muitas vezes partilham também outros interesses, tais como religião, clube de futebol ou atividades lúdicas. Esta partilha de um modo de vida ameniza a tensão gerada pelas divergências entre indivíduos (Törnberg, 2022). O crescimento das redes sociais revela-se como um elemento que destabiliza este equilíbrio. Através da conexão de indivíduos com outros fora da sua esfera local, as redes sociais não têm a componente cultural que mantém a estabilidade do discurso público, pelo que o processo de *social sorting* é intensificado, levando ao aumento do preconceito e ódio pelo *outgroup*, marcadores chave de uma sociedade polarizada (Törnberg, 2022).

Por outro lado, outros investigadores adotam uma visão mais pessimista, avançando com a ideia de que os espaços de comunicação online se tornarão cada vez mais polarizados e homogéneos, pela seleção gradual, por parte dos utilizadores, de informações que confirmam as suas crenças previamente concebidas (Terren & Borge-Bravo, 2021). Os fenómenos de *echo chamber* e *filter bubble* são os principais mecanismos através dos quais ocorre a homogeneização dos espaços *online*, em que grupos de indivíduos se tornam cada vez mais isolados entre si, não havendo contacto com pontos de vista diferentes. É então no isolamento perante o outro que se dá a polarização política (Terren & Borge-Bravo, 2021).

Esta discórdia teórica é suportada por estudos específicos que apoiam cada uma das visões. Neste sentido, a favor da hipótese "otimista", procura-se explicar de que forma as redes sociais, tendo em conta o seu potencial democratizador da informação, acabam por polarizar os utilizadores. Estudos como o de Garrett et al., (2014), desenvolvido tendo por base um inquérito nos EUA e Israel, demonstrou que a exposição a notícias ideologicamente desalinhadas com os utilizadores intensifica a polarização. Adicionalmente, o estudo de Bail et al., (2018) apoia

também esta hipótese, especificamente na rede social *Twitter*, onde foi pedido aos participantes (N= 1652) para seguirem uma conta ideologicamente desalinhada com eles (preparada pelos investigadores) e visitarem a rede social pelo menos três vezes por semana, durante um mês. No final do estudo, verificou-se que a interação com conteúdo ideologicamente desalinhado tornou os participantes mais polarizados.

A favor da hipótese pessimista, Schmidt et al. (2018) realizaram, nos EUA, um estudo que teve como objetivo averiguar o nível de polarização, bem como as mudanças dessa polarização ao longo do tempo, relativamente às opiniões acerca da vacinação, em comunidades do Facebook. De modo a concretizar este objetivo, os investigadores analisaram as interações de 2.6 milhões de utilizadores da plataforma, selecionando os utilizadores com base em palavras-chave: "vacina", "vacinas" ou "vacinação", com um mínimo de atividade de 10 *posts* e o tipo de relação da página com o tópico de vacinação. Assim, os investigadores categorizam a sua amostra em dois grupos, com base nas interações dos utilizadores com as páginas do tópico de vacinação: 145 grupos pró-vacinação (1 388 677 utilizadores) e 95 grupos antivacinação (1 277 170 utilizadores). Para analisarem os efeitos de polarização e exposição seletiva, os investigadores utilizaram 5 algoritmos de deteção de comunidades (*FastGreedy, WalkTrap, MultiLevel* e *LabelPropagation*), que captam, matematicamente, tendências nas interações dos indivíduos com a plataforma. Estes algoritmos identificam grupos através da densidade de informações partilhadas entre componentes de um sistema. Neste caso, indivíduos que comunicam através do Facebook.

Os resultados deste estudo demonstraram que as duas principais comunidades no que toca ao tópico das vacinas se encontram altamente polarizadas e dependem dos hábitos de consumo dos utilizadores. Ambas as narrativas (pró e anti vacinação), se propagam através da exposição seletiva e os utilizadores que mais interagem nas páginas têm uma maior pobreza na variedade de informação que consomem. Deste modo, os autores concluem que o consumo de conteúdo no tópico da vacinação se encontra dominado pelo efeito de *echo chamber* e que a polarização tem vindo a aumentar ao longo dos anos.

Independentemente de ambas as visões, estudos recentes têm vindo a estabelecer uma forte relação entre ansiedade e aderência a atitudes radicais, através da Internet. Um exemplo assenta na investigação de McGarry e Shortland (2023), onde os autores sugerem que a ansiedade existencial afeta um mecanismo de deteção de conflitos internos, hipotetizando que

um maior nível de ansiedade existencial contribui para uma maior aderência a conteúdos extremistas através da Internet.

Os autores enquadram o seu estudo e hipótese na *Reinforcement Sensitivity Theory,* uma teoria motivacional comportamentalista que coloca respostas químicas do cérebro no foco da ação humana. Esta foi a teoria que deu origem ao conceito do *Fight or Flight System* (Pickering & Corr, 2008). De acordo com a teoria, o sistema que lida com a deteção de conflitos internos, inibe um comportamento quando um conflito é detetado entre objetivos comportamentais simultâneos. Indivíduos com uma maior sensibilidade neste sistema apresentam níveis mais altos de ansiedade, reportam menos propósito nas suas vidas e têm mais atenção aos aspetos negativos das situações (Pickering & Corr, 2008). No que toca à radicalização, este sistema é ativado quando é detetada uma ameaça existencial, dado que essa ameaça realça um conflito entre os objetivos pessoais e as circunstâncias de determinado indivíduo. Na face desta situação, indivíduos podem assumir comportamentos compensatórios, como é o caso de aderirem a comportamentos radicais de modo a alterar o clima político do local onde vivem, de modo a que melhor se alinhe com os seus objetivos (Pickering & Corr, 2008).

Assim, os investigadores juntaram uma amostra de 479 participantes, com uma média de idades de 40.9 anos. Foi utilizado o *Corr-Cooper RST Personality Questionnaire (RST-PQ)* de modo a medir a sensibilidade do sistema de deteção de conflitos e a *Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS)*, para medir a intenção de comportamentos de intenção política, antes e depois da exposição a conteúdo extremista. Os indivíduos eram depois expostos a conteúdo de uma conta de uma rede social que de forma crescente se torna mais extremista e foi pedido que indicassem que ação tomariam relativamente àquela conta (*Like, Share* ou *Report).*

Os resultados deste estudo apoiaram a hipótese inicial, no sentido em que os participantes com um sistema de deteção de conflitos mais sensível, demonstram valores mais altos na *Activism and Radicalism Intention Scales.* Desta forma, os resultados revelam uma motivação movida pela ansiedade de aderir e interagir com conteúdo extremista, um aumento da influência deste tipo de conteúdo em indivíduos mais ansiosos, bem como um aumento de intenções ativistas e radicais (Pickering & Corr, 2008).

Desta forma, a literatura atual sugere que o tempo passado nas redes sociais, o nível de radicalização política e a ansiedade existencial estabelecem relações entre si. Abordam-se estas relações pedindo aos participantes do estudo (um inquérito construído na plataforma Qualtrics) que consultem os dados dos seus dispositivos móveis, somando as horas que passam em média, em cada rede social, por semana, obtendo-se assim valores exatos do tempo, bem como que

respondam a 2 escalas validadas na literatura. A escala *Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS)*, desenvolvida por Moskalenko e McCauley (2009), que surge como o principal instrumento de medida para medir intenções ativistas e radicais (Pavlović et al., 2022 refere a popularidade do instrumento, com mais de 372 citações no *Google Scholar*) e a versão reduzida do *Existential Anxiety Questionnaire (EAQ)*, desenvolvido por Weems et al., (2004) (Referido por van Bruggen et al., 2015 como um instrumento de medida da ansiedade existencial fidedigno e válido).

Adicionalmente, foi construído um conjunto de itens acerca da variedade de informação e o nível de identificação dos participantes com os seus contextos online e offline, com o objetivo de atender ao conflito desenvolvido na revisão de literatura, no que toca às hipóteses pessimista e "otimista", esperando-se que indivíduos que passem um maior número de horas nas redes sociais apresentem níveis superiores de radicalização política. Em segundo lugar, espera-se que o contexto *online* e *offline* tenha um impacto no processo de radicalização ao longo do tempo. Em terceiro lugar, espera-se que indivíduos que passam um maior número de horas nas redes sociais apresentem níveis superiores de ansiedade existencial. Em último lugar, é esperado que a ansiedade existencial se apresente como uma variável mediadora na relação entre o tempo passado online e o nível de radicalização política.

## Métodos

### Amostra

Através do programa GPOWER, calculou-se o número apropriado de participantes para os efeitos procurados no presente estudo. A priori, utilizando uma ANCOVA, (tamanho do efeito f = .25; probabilidade de erro α= .05; *Power* = .80) o número de participantes sugerido é de 128.

A população que se pretende estudar são jovens portugueses, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. O intervalo de idades foi escolhido dado que os jovens são a faixa etária que mais adere e interage nas redes sociais (Correa et al., 2010). Responderam ao inquérito 145 pessoas (N=145), das quais 96 são do sexo feminino e 50 do sexo masculino.

### Delineamento do estudo

O objetivo deste estudo não experimental é testar a presença de uma relação entre o tempo passado nas redes sociais e o nível de radicalização política, bem como o papel da

ansiedade e dos contextos *online* e *offline* dos indivíduos nesta mesma relação. Define-se o delineamento mais adequado como correlacional.

**Instrumentos**

*Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS)*

O principal instrumento de medida deste estudo foi desenvolvido por Moskalenko e McCauley (2009), denominado de *Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS).* Esta é uma breve escala de 8 itens que procura medir intenções relativamente a comportamentos políticos. É composta por duas componentes principais, a *Activism Intention Scale (AIS)* e a *Radicalism Intention Scale (RIS),* cada uma composta por 4 itens. A primeira destina-se a medir a intenção de comportamentos políticos legais, como por exemplo a participação em protestos, fazer donativos monetários ou juntar-se a grupos políticos. A segunda foca-se na intenção de comportamentos políticos ilegais, tais como agressões a agentes da lei, a participação em protestos violentos ou o apoio a organizações que quebram a lei.

No artigo mencionado acima, os autores desenvolveram 3 estudos, de modo a estabelecer as propriedades estatísticas da escala, estabelecer uma aplicabilidade intercultural e validar para a população destinada. Neste sentido, os resultados do primeiro estudo ($N$=140) revelaram uma estrutura de duas componentes, a primeira relativa aos 4 primeiros itens (*AIS*) e a segunda relativa aos 4 últimos *(RIS),* sendo que, cada conjunto obteve um bom nível de confiabilidade (*AIS: Cronbach*-α = .86, *RIS: Cronbach*-α = .83). Os resultados do segundo e do terceiro estudo replicaram a estrutura de duas componentes para uma amostra na Ucrânia ($N$=146) e uma amostra representativa da população dos EUA ($N$=429).

Com o objetivo de se validar a escala para a população portuguesa, realizou-se uma fase de pré-teste, onde através de um inquérito ($N$=84) se procurou obter os mesmos efeitos produzidos pelo estudo original. Este pré-teste replicou a estrutura de duas componentes, a primeira associada aos 4 primeiros itens e a segunda associada aos 4 últimos, ambos com confiabilidade alta (*AIS: Cronbach*-α = .769 e *RIS: Cronbach*-α = .811); ver Anexo 4).

*Existential Anxiety Questionnaire (EAQ)*

De modo a medir o nível de ansiedade existencial, recorreu-se à tradução do instrumento de medida *Existential Anxiety Questionnaire (EAQ),* desenvolvido por Weems et al., (2004). Este questionário foi criado para avaliar os domínios críticos da ansiedade existencial, de acordo com o trabalho de Tillich. Esses domínios são: morte, destino, vazio, perda de sentido, culpa e condenação / censura. Assim, os autores desenvolveram um conjunto de 13 questões

relativamente a estes domínios, onde indivíduos escolhem entre as respostas “sim” ou “não”. 6 dos itens encontram-se em formato positivo, ou seja, a resposta “sim” indica alguma ansiedade existencial e outros 7 em formato negativo (a resposta “sim” indica alguma ausência de ansiedade existencial). A partir dos 6 itens de formato positivo criou-se uma versão reduzida deste questionário, que é utilizado no presente artigo. O *EAQ* apresenta um bom nível de confiabilidade (*Cronbach*-α= .71), o que revela consistência interna.

**Procedimento**

De modo a serem recolhidos dados, publica-se um inquérito nas plataformas *Instagram e Reddit.* O inquérito construiu-se utilizando o programa Qualtrics. Ao iniciarem a tarefa, os participantes eram cumprimentados por uma mensagem que dizia: “Muito obrigado pela sua colaboração. Sou um estudante de Psicologia no ISPA. Realizo este estudo como projeto final do Mestrado em Psicologia Clínica. Este estudo centra-se na investigação de comportamentos de jovens portugueses (18-35 anos) (p. ex: hábitos sociais *offline* e *online*). O questionário demora aproximadamente 5 minutos para ser concluído. Todas as respostas dadas são de cariz anónimo. Após responder ao questionário, se tiver alguma dúvida pode enviar uma mensagem para o e-mail: jose.salgueiro333@gmail.com”. Após a mensagem, era pedido aos participantes que aceitassem a recolha das suas respostas.

De seguida, era dado um contexto aos participantes sobre grupos sociais, à semelhança do estudo de Moskalenko e McCauley (2009), de modo a que os participantes escolhessem qual o grupo com o qual se identificam mais. Recebiam a mensagem: “Como seres sociais, fazemos parte de diversos grupos, de acordo com os inúmeros fatores da nossa identidade. Esses grupos distribuem-se por diferentes dimensões da nossa vida que se cruzam entre si mas podem ser individualizados em diferentes categorias. Os grupos podem ser religiosos (p. ex: Católico, Muçulmano), associados à defesa de causas (p. ex: ambiente, direitos humanos, aborto), económicos (p. ex: trabalho, sindicatos, desempregados), políticos (p. ex: esquerda, direita), desportivos (p ex: clube de futebol, modalidade desportiva) de identidade sexual / de género (p. ex: LGBTQ), étnico / racial (p. ex: país, etnia) ou outro. Vamos pedir-lhe para pensar num dos grupos, aquele que tenha uma maior relevância para si e depois responder a algumas perguntas de caráter anónimo”.

Após escolherem qual o grupo com que mais se identificam, os participantes responderam então à *ARIS*, em que cada um dos 8 itens foi respondido numa escala de 1 a 4.

De seguida, foi pedido aos participantes para consultarem, no seu dispositivo móvel, o tempo passado nas redes sociais, em horas, bem como qual a rede na qual passam mais tempo. A tarefa seguinte era a resposta à versão reduzida do *EAQ*, de 6 itens com respostas de "SIM" ou "NÃO".

Após responderem à escala de ansiedade existencial, foi pedido aos participantes para que respondessem a um conjunto de questões acerca dos seus hábitos sociais, primeiro relativamente ao seu contexto *online* e depois acerca do seu contexto *offline*. As afirmações tinham a opção de resposta com valores de 1 a 7, em ordem crescente, tendo em conta o grau com que os participantes se identificam com elas.

Por fim, foram recolhidos dados demográficos, nomeadamente o género, a idade e o nível de ensino. Ao concluírem esta tarefa, agradeceu-se a participação, dando-se por terminado o inquérito.

## Resultados

### Caracterização da amostra

Grupo de identificação: Um total de (*N*=145), 33.8% (49) escolheram como grupo identitário um grupo relacionado com a defesa de uma causa, 15.8% (23) escolheu um grupo desportivo, 11% (16) escolheu um grupo relacionado com a identidade sexual ou de género, 10.3% (15) escolheu um grupo económico, 10.3% (15) escolheram um grupo político, 6.2% (9), escolheram um grupo étnico ou racial, 2.1% (3) escolheram um grupo religioso. Os restantes 10.3% (15) mencionaram outros grupos para além dos apresentados.

Rede social preferida: Como rede social preferida, 60.7% (88) escolheram *Instagram*, 24.1% (35) escolheram outra rede, neste caso *Tik Tok*, 8.3% (12) escolheram *YouTube*, 2.8% (4) escolheram *Twitter / X*, 2.8% (4) escolheram *Reddit* e 1.4% (2) escolheram *Facebook*.

Média de horas online semanais: A média de horas passadas nas redes sociais, de um modo geral, é de 13.4 horas, por semana, com um desvio padrão de 13.6.

### Estudo métrico das escalas

À semelhança do pré-teste e do estudo original (Moskalenko & McCauley 2009), a escala ARIS produziu uma estrutura bifatorial, em que um fator incorpora os 4 primeiros itens e outro fator engloba os 4 últimos itens. A correlação entre os dois fatores é relativamente baixa ($r$= .306), pelo que se corrobora a ideia de que a escala mede dois construtos separados que

compõem uma medida singular geral. A escala geral obteve um *Cronbach*-α= .801 (ver Anexo 5, Tabelas 1).

A escala utilizada para medir a ansiedade (forma reduzida da *EAQ*), composta por 6 itens, produziu um nível de confiabilidade de α= .680 com uma estrutura de 1 fator (ver Anexo 5, Tabela 3).

**Teste das hipóteses**

Horas passadas online e o nível de radicalização política

A hipótese principal do estudo postula uma relação entre o número de horas passadas nas redes sociais e o nível de radicalização política dos participantes. Tendo em conta a medida global de radicalização da escala *ARIS*, encontra-se uma relação com o tempo passado *online*, que apesar de reduzida, é estatisticamente significativa ($r$= .17; $p$= .038). Assim, os resultados sugerem que quanto mais tempo um indivíduo passa *online* em redes sociais, maior a probabilidade desse indivíduo se radicalizar.

Uma análise desta mesma relação ao nível das subescalas clarifica que a radicalização se sustenta ao nível do ativismo reportado pelos participantes. Verifica-se que a relação estatisticamente significativa entre o tempo passado *online* e os 4 primeiros itens da escala, que remetem para o ativismo ($r$= .225 e $p$= *.007),* ocorre sem que haja uma relação entre os 4 últimos itens da escala *ARIS* e o tempo *online* ($r$ = .071; $p$= .399; ver Anexo 5, Tabela 2).

O papel do contexto *online* versus *offline*

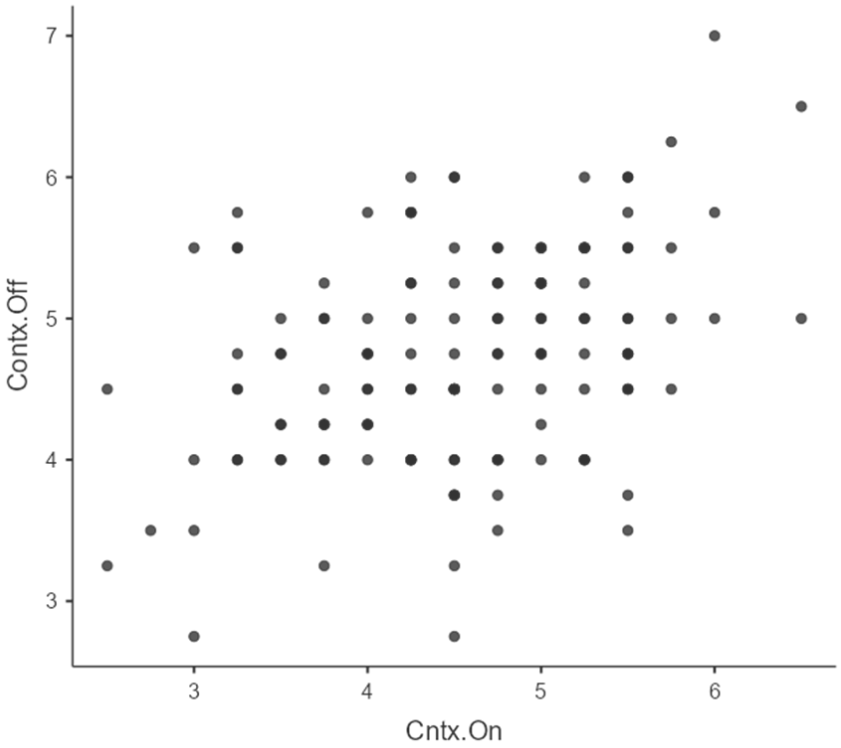
O estudo também procura perceber se a relação que os participantes reportam ter com o contexto *online* e *offline* está relacionada com o seu nível de radicalização política. Para o efeito, calculam-se duas variáveis referentes aos itens associados ao nível de exposição a informação diversificada nos contextos *online* e *offline*.

A variável "Cont.On" reflete a média de respostas aos itens associados ao contexto *online.* A maioria dos itens seguem a lógica de que quanto maior o valor assinalado, maior será o nível de identificação com o contexto. Assim, para que todos os itens medissem a diversidade de informação num sentido crescente, inverteu-se a escala para o item 3, referente à afirmação: "Faço parte de grupos com que partilho uma visão do mundo". Verificou-se consistência nas respostas aos itens *Cronbach*-α= .680 (ver Anexo 5, Tabelas 9), pelo que se computou a sua média. A média dos valores associados ao contexto *online* refere que valores mais elevados

apontam para um maior nível de exposição a informação diversificada e identitária, na esfera *online*.

Relativamente à variável "Cont.Off", a média dos valores associados ao contexto *offline* seguiu o mesmo processo que a variável anterior, onde valores mais elevados apontam para um maior nível de exposição a informações diversas e identitárias, na esfera *offline*. Verificou-se consistência nas respostas aos itens, *Cronbach*-α=.712 (ver Anexo 5, Tabelas 9).

**Figura 1**: Gráfico de dispersão das variáveis "Cont.On" e "Cont.Off".




Comparam-se as duas médias através de um teste t para amostras emparelhadas. Entende-se que a presente amostra gravita em direção à variável "Cont.Off". Assim, os participantes estão mais expostos a informação diversa e identitária no seu meio *offline* (*M* = 4.53; *DP* = .82), do que no seu meio *online* (*M* = 4.74; *DP* = .75) (*t*= -2.79; *p*= .006; *d*= -0.232; ver Anexo 5, Tabelas 11).

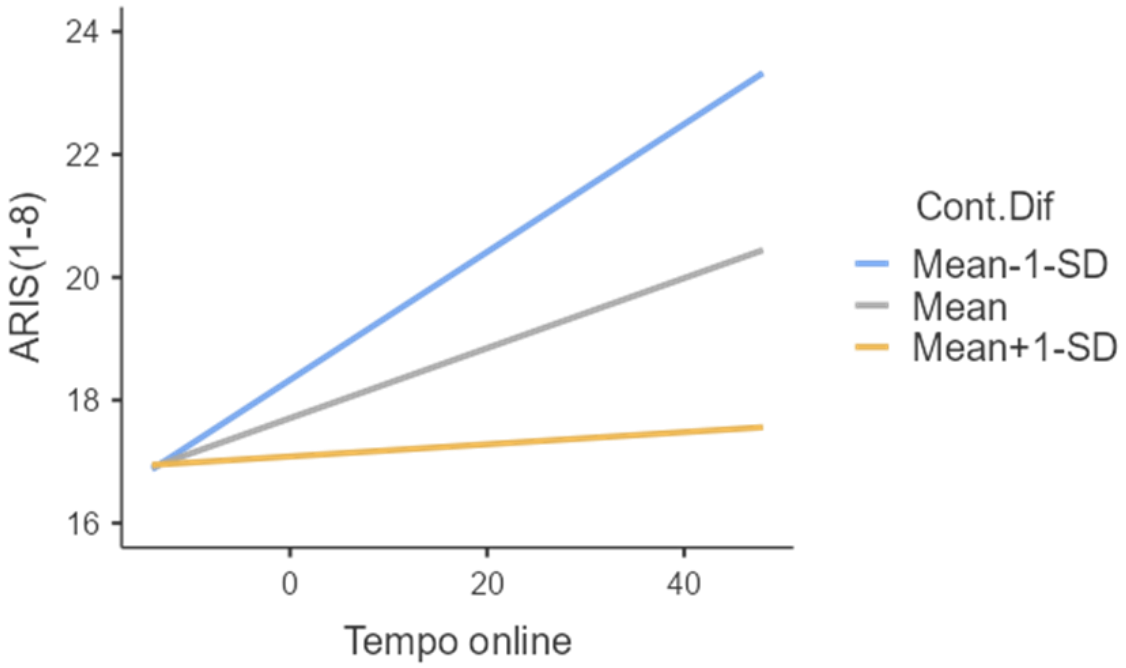
Para contrastar as visões "otimista" e pessimista acerca do uso das redes sociais, criou-se um índice de diferença entre as variáveis previamente definidas ("Cont.Dif" = "Cont.Off" - "Cont.On"). Desta forma, valores positivos revelam um mundo *offline* mais rico, no qual os participantes encontram a sua identidade e informações variadas, enquanto que valores

negativos revelam um mundo *online* mais rico em informação, no qual os participantes encontram a sua identidade.

Com o objetivo de testar se este índice modera a relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política, insere-se o tempo passado nas redes sociais, o índice "Cont.Dif" e a multiplicação dos dois como preditores num *General Linear Model*, tendo o nível de radicalização política como variável *outcome*. Os resultados sugerem que não existe um efeito principal da variável "Cont.Dif"($F$(1,139) =2.44; $p$= .121; $\eta 2$= .016). O tempo passado online também não surge como um moderador ( $F$(1,139)= 3.74; $p$= .055; $\eta 2$= .026) Porém, quando se analisa o gráfico apresentado na Figura 1, recorre-se a análises simples com o intuito de perceber se a relação se verifica em diferentes valores da variável. Neste sentido, para os valores médios da variável, esta relação não se verifica ($\beta$=.159; $t$(139)= 1.93; $p$= .055; $\eta$2= .025). O mesmo pode ser dito para os valores elevados da variável ($\beta$= .027; $t$(139)= .225; $p$= .822; $\eta$2= 3.44e-4). A relação só atinge significância nos valores baixos da variável "Cont.Dif" ($\beta$= -.128; $t$(139)= 2.626; $p$=.010; $\eta$2= .05; ver Anexo 5, Tabelas 4).

Estes dados clarificam que quanto mais os indivíduos encontram a sua identidade e consomem informações diversificadas *online*, mais radicalizados estarão ao longo do tempo. A Figura 2 ilustra sob a forma de um gráfico esta relação.

**Figura 2:** Efeito moderador do contexto na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política.



Para clarificar os dados apresentados, fez-se uma análise mais específica, utilizando-se as variáveis do contexto *online* e *offline*, separadamente, como possíveis moderadores.

A análise da variável "Cont.On" demonstra que esta assume o papel de moderador significativo ($p$= .014). O efeito é maior quanto mais alto for o valor de "Cont.On" ($Z$(144)= 2.013; *p(High)*=0.044). Assim, quanto mais os indivíduos encontram a sua identidade *online* e mais diverso for o conteúdo, mais radicalizados serão ao longo do tempo (ver Anexo 5, Tabelas 5).

A análise da variável "Cont.Off" sugere que esta tem um efeito nulo na relação entre o tempo e a radicalização política ($p$= .727) . Se essa relação existisse, seria significativa quanto mais baixo for o seu valor ($Z$(144)= 2.574; *p(Low)*= .010)(ver Anexo 5, Tabelas 6).

O papel da ansiedade existencial

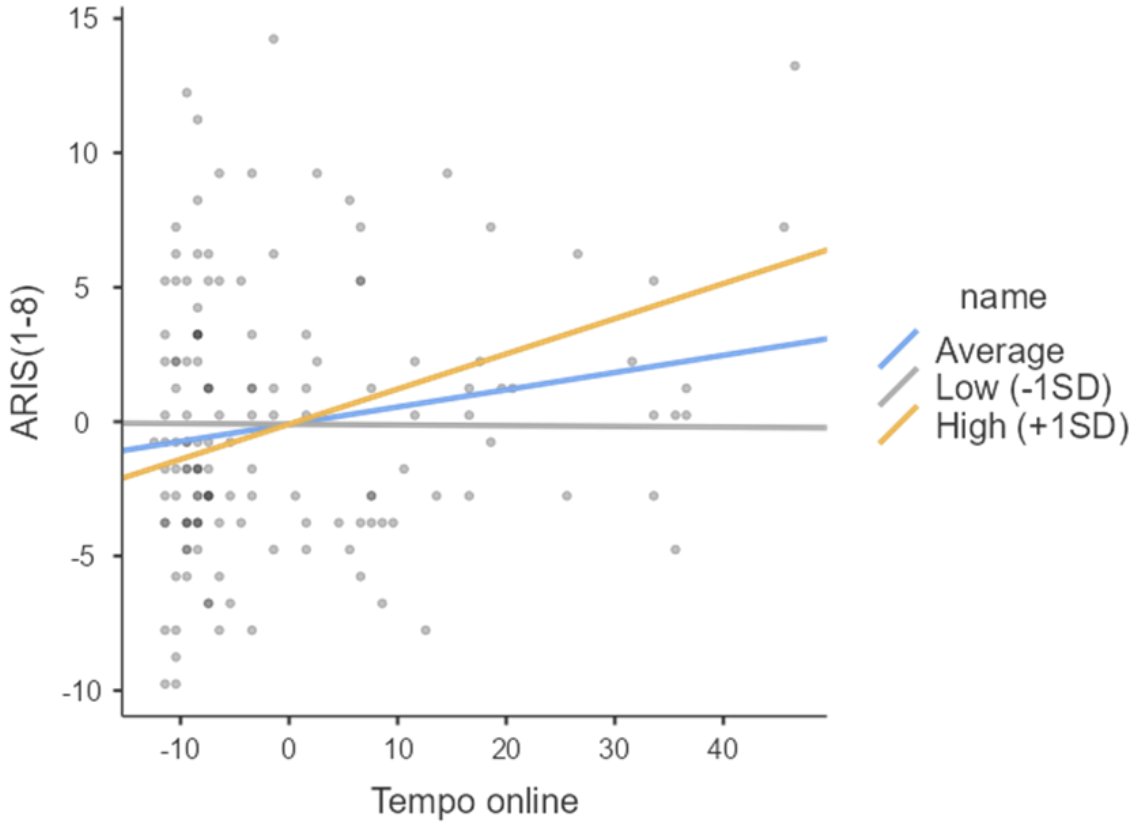
Relativamente ao papel da ansiedade existencial, propõe-se que indivíduos que passam mais tempo nas redes sociais vão apresentar níveis superiores de ansiedade existencial. Os dados não corroboram esta hipótese, já que a relação entre as duas variáveis não é estatisticamente significativa ( $r$= .03; $p$= .716; ver Anexo 5, Tabela 7). Deste modo, considera-se diretamente inválida também a hipótese seguinte, que procurava perceber se a ansiedade existencial surge como um fator mediador na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política. Para além disto, não existe um efeito moderador da ansiedade sobre as outras variáveis (ver análises específicas: Anexo 5, Tabelas 8).

**Análise extra**

O papel da idade

Destaca-se o impacto da idade na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política. Os dados demonstram que existe um efeito de moderação que se manifesta, dado que o efeito é melhor detetado, em indivíduos com idade superior à média ($Z$(145)= 2.679; *p(High)*= .007) e indivíduos com idade dentro da média ($Z$(145)= 2.189; *p(Average)*= .029). A partir destes dados é possível concluir que o efeito do tempo *online* sob o nível de radicalização é mais intenso em indivíduos com idades superiores a 26 anos, enquanto que nos indivíduos mais novos (menos de 23 anos), não parece existir esta relação (ver Anexo 5, Tabelas 10). A figura 3 ilustra esta relação sob a forma de um gráfico.

**Figura 3:** Efeito de moderação da idade na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política.




## Discussão

O principal objetivo do estudo assentou na pesquisa de uma relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política dos jovens portugueses. Procurou-se também perceber de que forma o nível de identificação e variedade de informação dos contextos *online* e *offline* dos participantes influencia esta relação. Paralelamente, analisou-se também o impacto da ansiedade existencial no tempo passado nas redes sociais, bem como o possível efeito moderador desta variável, no processo de radicalização. Através da interpretação dos resultados obtidos neste estudo, é possível retirar conclusões referentes a estes tópicos.

Desta forma, os indivíduos que passam mais tempo nas redes sociais, apresentam níveis mais altos de radicalização política. Verificou-se que, de um modo geral, os indivíduos com mais horas semanais passadas nas redes sociais também obtiveram resultados mais altos na escala *ARIS*. Esta relação é sustentada principalmente pela subescala *AIS*, referente a intenções ativistas. A subescala *RIS*, que avalia especificamente intenções radicais, não se relacionou

individualmente com o tempo passado nas redes sociais. A questão que decorre naturalmente desta descoberta remete para o "porquê" desta relação. A literatura desenvolvida sugeriu duas visões ("otimista" e pessimista) que procuram explicar os mecanismos imbuídos nas redes sociais que promovem a polarização do discurso público, o que cria o ambiente propício à radicalização dos indivíduos. Os dados recolhidos destinados a distinguir entre as visões sugerem que a visão "otimista" provavelmente se aplica melhor à realidade dos jovens inquiridos, dado que se verificou que os participantes que encontram uma maior diversidade de informação e se identificam mais com o seu contexto *online*, revelaram valores superiores na escala *ARIS*.

Relativamente ao papel da ansiedade existencial, os resultados obtidos sugerem que esta não tem qualquer papel tanto no tempo que os participantes passam nas redes sociais, como no processo de radicalização política ao longo do tempo.

Adicionalmente, recolheram-se também dados que sugerem que a idade surge como um fator moderador na relação entre o tempo passado nas redes sociais e o nível de radicalização política. Verificou-se um efeito claro para a metade superior da amostra, indivíduos com idade superior a 26 anos, que não se demonstrou expressivo para os participantes com idades entre os 18 e os 23 anos.

**A relação entre o tempo passado online e o nível de radicalização política**

É possível enquadrar as conclusões obtidas na literatura desenvolvida sobre o tema, no sentido de clarificar a relação encontrada entre o tempo passado online e a radicalização política, bem como o efeito moderador da variedade de informação e nível de identificação com o contexto *online* dos participantes.

Tendo em conta o consenso geral acerca do papel polarizador das redes sociais no discurso público (Törnberg, 2022), talvez não seja surpreendente que a relação emerja nos resultados obtidos. Tal como definido anteriormente, o conceito de radicalização política é entendido como um fenómeno consequente de uma sociedade polarizada, onde as crenças dos indivíduos assumem um grau de confiança tal, que acabam por destituir outros grupos políticos como agentes ilegítimos. Desta desvalorização do outro decorre uma escalada de um repertório de ações não violentas para ações cada vez mais violentas, apesar de, na maioria dos casos, indivíduos adotarem ações ativistas não violentas, com o intuito de alterar um clima político (Almagro, 2023; Bosi & Malthaner, 2015; Della Porta, 2018). Neste sentido, o facto de o

ativismo surgir como o principal fator que conecta o tempo passado *online* com a radicalização, também se encontra de acordo com a literatura explorada, no sentido em que, na maioria dos casos, a escalada natural do processo de radicalização resulta em ações políticas legais e não violentas (Bjørgo & Horgan 2008, citado por Della Porta, 2018).

Como forma de explicar qual é o mecanismo que desencadeia o processo de polarização e subsequente radicalização nas redes sociais, é possível que a visão "otimista" se aplique melhor à realidade dos jovens inquiridos. Esta visão argumenta que é o contacto com diferentes pontos de vista que leva à polarização. A tendência natural humana de categorizar os indivíduos (*sorting*), é controlada naturalmente num grupo geográfico, dado que pessoas que vivem num mesmo sítio, apesar de discordarem politicamente de algo, provavelmente terão outras coisas em comum, como o clube de futebol que apoiam ou a igreja que frequentam, o que equilibra a forma como as categorizamos mentalmente. As redes sociais desfazem esta "cola" social que mantém a estabilidade das dinâmicas grupais no mundo real, já que se entra em contacto com indivíduos de todo o mundo com quem de outra forma, não se teria contacto. Esta situação intensifica o processo de categorização, segundo uma identidade alinhada com crenças políticas (*social sorting*), o que por sua vez aumenta a polarização entre grupos (Törnberg, 2022). Este efeito surge nos resultados do presente artigo, já que foram os indivíduos com um meio *online* mais diversificado em informação e com o qual se identificam, que se demonstram mais radicalizados ao longo do tempo.

Apesar disto, o presente estudo não reúne condições suficientes para rejeitar a visão pessimista como o mecanismo explicativo das dinâmicas das redes sociais que conduzem à polarização, e subsequente radicalização dos indivíduos. A partir dos dados recolhidos, apenas se pode sugerir que, à semelhança do que outros autores sugerem, talvez o efeito de *echo chambers* e *filter bubbles* tenha sido exagerado (Bruns, 2021; Törnberg, 2022).

**O papel de variáveis individuais**

A teoria desenvolvida como sustento da inclusão da ansiedade existencial como um fator determinante na relação entre o tempo passado online e o nível de radicalização política, pode oferecer explicações para tal efeito não se ter manifestado no presente estudo. Tal como exposto anteriormente, central à relação entre a ansiedade existencial e a aderência a conteúdos radicais, está um mecanismo de deteção de conflitos internos (*BIS)*. Este mecanismo despoleta uma resposta ansiosa quando se verifica um conflito entre uma ameaça e um objetivo. A resposta ansiosa será maior quanto maior for a ameaça percebida (Pickering & Corr, 2008). No

que toca à radicalização, este sistema é ativado quando é detetada uma ameaça existencial, dado que essa ameaça realça um conflito entre os objetivos pessoais e as circunstâncias de determinado indivíduo. Na face desta situação, indivíduos podem assumir comportamentos compensatórios, como é o caso de aderirem a comportamentos radicais de modo a alterar o clima político do local onde vivem, de modo a que melhor se alinhe com os seus objetivos (Pickering & Corr, 2008). É possível que, dadas as condições de vida dos participantes em Portugal, não haja uma ameaça percebida suficientemente forte para despoletar o mecanismo que procura comportamentos compensatórios através do consumo de conteúdo cada vez mais radical.

No que toca ao papel da idade como moderador, demonstra-se surpreendente que este efeito se verifique apenas nos indivíduos com idades acima dos 26 anos. É uma ideia estabelecida na literatura que indivíduos mais novos (até aos 25 anos) se encontram em maior risco de se radicalizarem por via *online* (Kenyon et al., 2023). Esta ideia surge da crença de que durante este período da vida se intensifica a construção de uma identidade social, bem como se aproveita um novo sentido de liberdade. Esta procura por uma identidade faz com que sujeitos sintam uma maior necessidade de inclusão social (Schils & Verhage, 2017), o que pode facilitar a aderência a crenças de determinado grupo. Assim, os resultados deste estudo encontram-se em conflito com a literatura desenvolvida sobre o papel das redes sociais na radicalização política.

**Limitações e sugestões para projetos futuros**

Ao longo da elaboração do estudo, surgiram limitações que devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Relativamente à amostra obtida, verifica-se uma presença muito superior do sexo feminino (96) do que do sexo masculino (50), o que pode reduzir a validade dos resultados para ambos os sexos. No que toca aos instrumentos utilizados, destaca-se o facto de a escala de ansiedade utilizada, o formato curto do *EAQ*, ser constituído por apenas 6 itens com respostas entre “Sim” e “Não”. Este formato pode ter resultado num conjunto de dados com um valor de análise algo reduzido, o que talvez possa ter contribuído para a rejeição das hipóteses que remetiam para o papel da ansiedade. Relativamente à resolução do conflito entre as visões “otimista” e pessimista, um número limitado de questões feitas aos participantes acerca dos seus contextos *online* e *offline*, o que apenas permite sugerir qual das visões provavelmente se aplica melhor ao contexto real dos jovens inquiridos. Adicionalmente, não foram feitas em número e qualidade suficientes questões acerca da personalidade dos

participantes, que poderiam traçar um perfil mais exato sobre as características pessoais que levam jovens portugueses a aderir a atitudes radicais por via das redes sociais.

Neste sentido, uma investigação futura deve procurar, em primeiro lugar, uma amostra maior e bem distribuída pelos géneros, de modo a poder formular conclusões acerca das diferenças entre eles no processo de radicalização *online.* No caso de uma pesquisa focada no papel da ansiedade nesse processo, deve ser utilizada uma escala diferente, com uma maior variedade de respostas e que abrangesse outros tipos de ansiedade. Tendo em conta o facto de a literatura sugerir que o *EAQ* como o melhor instrumento para o efeito (van Bruggen et al., 2015), deve ser utilizado na sua totalidade, como substituição da sua forma curta. Para aprofundar a pesquisa acerca das duas visões teóricas apresentadas, devem ser incluídas mais questões no sentido de caracterizar melhor os contextos *online* e *offline* dos indivíduos. Por exemplo, comparar a forma como os participantes vêem perfis de indivíduos com os quais discordam politicamente, com a forma como os participantes vêem pessoas reais com as quais discordam politicamente. Para além disto, de modo a aprofundar o perfil de pessoa mais provável de se radicalizar *online*, seria interessante aplicar um instrumento de medição de traços de personalidade antes da aplicação da escala *ARIS*. Adicionalmente, seria também interessante estudar a forma como diferentes gerações encaram a veracidade dos conteúdos que vêm nas redes sociais, no sentido de aprofundar o conhecimento no que toca ao papel moderador da idade encontrado, mas que fica por explicar.

## Referências


Almagro, M. (2023). Political polarization: Radicalism and immune beliefs. *Philosophy & Social Criticism*, *49*(3), 309-331.

Armitage, C. J., & Christian, J. (2003). From attitudes to behaviour: Basic and applied research on the theory of planned behaviour. *Current psychology*, 22, 187-195.

Bail, C. A., Argyle, L. P., Brown, T. W., Bumpus, J. P., Chen, H., Hunzaker, M. F., ... & Volfovsky, A. (2018). Exposure to opposing views on social media can increase political polarization. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 115(37), 9216-9221.

Bakshy, E., Messing, S., & Adamic, L. A. (2015). Exposure to ideologically diverse news and opinion on Facebook. *Science*, 348(6239), 1130-1132.

Benkler, Y., & Nissenbaum, H. (2006). Commons-based peer production and virtue. *Journal of political philosophy*, 14(4).

Bieber, F. (2018). Is nationalism on the rise? Assessing global trends. *Ethnopolitics*, 17(5), 519-540.

Bosi, L., & Malthaner, S. (2015). Political violence. *The Oxford handbook of social movements*, 440-451.

Boxell, L., Gentzkow, M., & Shapiro, J. M. (2022). Cross-country trends in affective polarization. *Review of Economics and Statistics*, 1-60.

Bruns, A. (2021). Echo chambers? Filter bubbles? The misleading metaphors that obscure the real problem. In *Hate speech and polarization in participatory society* (pp. 33-48). Routledge.

Carothers, T., & O'Donohue, A. (Eds.). (2019). Democracies divided: The global challenge of political polarization. *Brookings Institution Press*.

Cinelli, M., Morales, G. D. F., Galeazzi, A., Quattrociocchi, W., & Starnini, M. (2020). Echo chambers on social media: A comparative analysis. *arXiv preprint arXiv:2004.09603*.

Correa, T., Hinsley, A. W., & De Zuniga, H. G. (2010). Who interacts on the Web?: The intersection of users' personality and social media use. *Computers in human behavior*, 26(2), 247-253.

Dauber, C. E., & Ilter, K. (2019). The relationship between Social Media and radicalization. In *Online Terrorist Propaganda, Recruitment, and Radicalization* (pp. 47-63). CRC Press.

Della Porta, D. (2018). Radicalization: A relational perspective. *Annual Review of Political Science*, 21, 461-474.

Eleições Legislativas 2024. (n.d.). https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2024/resultados/globais

Flaxman, S., Goel, S., & Rao, J. M. (2016). Filter bubbles, echo chambers, and online news consumption. *Public opinion quarterly*, 80(S1), 298-320.

Garrett, R. K. (2009). Politically motivated reinforcement seeking: Reframing the selective exposure debate. *Journal of communication*, 59(4), 676-699.

Garrett, R. K., Gvirsman, S. D., Johnson, B. K., Tsfati, Y., Neo, R., & Dal, A. (2014). Implications of pro-and counterattitudinal information exposure for affective polarization. *Human communication research*, 40(3), 309-332.

Gimmler, A. (2001). Deliberative democracy, the public sphere and the internet. *Philosophy & Social Criticism*, 27(4), 21-39.

Global Project Against Hate and Extremism. (2024). Portugal: grupos de ódio e extremistas de extrema-direita - Global Project Against Hate and Extremism. https://globalextremism.org/portugal-grupos-de-odio-e-extremistas-de-extrema-direita/

Harmon-Jones, E., & Mills, J. (2019). An introduction to cognitive dissonance theory and an overview of current perspectives on the theory.

Hoffman, B. (2002). Rethinking terrorism and counterterrorism since 9/11. *Studies in Conflict and Terrorism*, 25(5), 303-316.

Hollewell, G. F., & Longpré, N. (2022). Radicalization in the social media era: understanding the relationship between self-radicalization and the internet. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 66(8), 896-913.

Iandoli, L., Primario, S., & Zollo, G. (2021). The impact of group polarization on the quality of online debate in social media: A systematic literature review. *Technological Forecasting and Social Change*, 170, 120924.

Karlsen, R., Steen-Johnsen, K., Wollebæk, D., & Enjolras, B. (2017). Echo chamber and trench warfare dynamics in online debates. *European journal of communication*, 32(3), 257-273.

Kenyon, J., Binder, J. F., & Baker-Beall, C. (2023). Online radicalization: Profile and risk analysis of individuals convicted of extremist offences. *Legal and Criminological Psychology*, 28(1), 74-90.

Khalil, J., Horgan, J., & Zeuthen, M. (2022). The attitudes-behaviors corrective (ABC) model of violent extremism. *Terrorism and Political Violence*, 34(3), 425-450.

Kubin, E., & von Sikorski, C. (2021). The role of (social) media in political polarization: a systematic review. *Annals of the International Communication Association*, 45(3), 188-206.

Macdonald, S., & Whittaker, J. (2019). online Radicalization. *Online Terrorist Propaganda, Recruitment, and Radicalization*, 33.

Mason, L. (2016). A cross-cutting calm: How social sorting drives affective polarization. *Public Opinion Quarterly*, 80(S1), 351-377.

Mason, L., & Wronski, J. (2018). One tribe to bind them all: How our social group attachments strengthen partisanship. *Political Psychology*, 39, 257-277.

McCauley, C., & Moskalenko, S. (2008). Mechanisms of political radicalization: Pathways toward terrorism. *Terrorism and political violence*, 20(3), 415-433.

McCauley, C., & Moskalenko, S. (2017). Understanding political radicalization: The two-pyramids model. *American Psychologist*, 72(3), 205.

McGarry, P., & Shortland, N. (2023). Anxious activism: The role of behavioral inhibition system in the radicalization process. *Computers in Human Behavior*, 139, 107550.

McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a feather: Homophily in social networks. *Annual review of sociology*, 27(1), 415-444.

Nguyen, C. T. (2018). Escape the echo chamber. *Aeon Magazine*.

Pavlović, T., Moskalenko, S., & McCauley, C. (2022). Bifactor analyses provide uncorrelated measures of activism intentions and radicalism intentions. *Dynamics of Asymmetric Conflict*, 15(2), 123-140.

Pickering, A., & Corr, P. (2008). JA Gray's reinforcement sensitivity theory (RST) of personality.

Rhodes, M., & Baron, A. (2019). The development of social categorization. *Annual review of developmental psychology*, 1, 359-386.

Roccas, S., & Brewer, M. B. (2002). Social identity complexity. *Personality and social psychology review*, 6(2), 88-106.

Schils, N., & Verhage, A. (2017). Understanding how and why young people enter radical or violent extremist groups. *International Journal of Conflict and Violence* (IJCV), 11, a473-a473.

Schmidt, A. L., Zollo, F., Scala, A., Betsch, C., & Quattrociocchi, W. (2018). Polarization of the vaccination debate on Facebook. *Vaccine*, 36(25), 3606-3612.

Stegmann, D., Magin, M., & Stark, B. (2022). Filter bubbles. *Elgar Encyclopedia of Technology and Politics*, 19(3), 220.

Stroud, N. J. (2010). Polarization and partisan selective exposure. *Journal of communication*, 60(3), 556-576.

Sunstein, C. (2018). # Republic: Divided democracy in the age of social media. *Princeton university press*.

Terren, L., & Borge-Bravo, R. (2021). Echo chambers on social media: A systematic review of the literature. *Review of Communication Research*, 9, 99-118.

Thorson, K., Cotter, K., Medeiros, M., & Pak, C. (2021). Algorithmic inference, political interest, and exposure to news and politics on Facebook. *Information, Communication & Society*, 24(2), 183-200.

Trimbur, M., Amad, A., Horn, M., Thomas, P., & Fovet, T. (2021). Are radicalization and terrorism associated with psychiatric disorders? A systematic review. *Journal of psychiatric research*, 141, 214-222.

Törnberg, P. (2022). How digital media drive affective polarization through partisan sorting. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(42), e2207159119.

van Bruggen, V., Vos, J., Westerhof, G., Bohlmeijer, E., & Glas, G. (2015). Systematic review of existential anxiety instruments. *Journal of humanistic psychology*, 55(2), 173-201.

Weems, C. F., Costa, N. M., Dehon, C., & Berman, S. L. (2004). Paul Tillich's theory of existential anxiety: A preliminary conceptual and empirical examination. *Anxiety, Stress & Coping*, 17(4), 383-399.

Westwood, S. J., Iyengar, S., Walgrave, S., Leonisio, R., Miller, L., & Strijbis, O. (2018). The tie that divides: Cross-national evidence of the primacy of partyism. *European Journal of Political Research*, 57(2), 333-354.

Whittaker, J. (2022). Rethinking online radicalization. *Perspectives on Terrorism*, 16(4), 27-40.

Wohn, D. Y., & Bowe, B. J. (2016). Micro agenda setters: The effect of social media on young adults' exposure to and attitude toward news. *Social media+ society*, *2*(1), 2056305115626750.

## Anexo 1: Revisão de literatura

Atualmente, observa-se um crescimento da utilização de redes sociais como fontes de informação sobre o mundo, sendo que no futuro, podem vir a substituir os canais televisivos tradicionais (Wohn & Bowe, 2016). Em paralelo, verifica-se também um aumento da polarização do discurso público numa grande parte das democracias contemporâneas (Boxell et al., 2022; Carothers & O'Donohue, 2019; Westwood et al.,2018). O papel das redes sociais como um agente polarizador parece ser uma ideia bem estabelecida na literatura, apesar da discórdia entre quais são os mecanismos que promovem a polarização.

Autores como Almagro (2023), desenvolvem a ideia de que uma das consequências de uma sociedade polarizada é a radicalização das crenças dos indivíduos.

Neste sentido, comunidades *online* polarizadas podem constituir fatores facilitadores de aderência e propagação de conteúdo que leve à radicalização política (Khalil et al., 2022). Em Portugal, o Projeto Global contra o Ódio e o Extremismo (PGOE) identificou 13 grupos extremistas ativos, sendo que um deles ficou classificado como a terceira maior força política nas eleições legislativas de 2024 (Global Project Against Hate and Extremism, 2024; *Eleições Legislativas 2024*, n.d.-b).

Assim, este estudo procura averiguar se, à semelhança do que se tem verificado noutros países (principalmente nos EUA), as redes sociais têm um efeito radicalizante nas intenções políticas da população jovem portuguesa.

### Tempo passado em redes sociais

A utilização da internet como fonte de informação é uma constante nos dias de hoje. Através de redes sociais, indivíduos encontram-se em constante contacto uns com os outros. O tipo e a quantidade de informação partilhada podem ter um impacto nos indivíduos, tanto a nível de crenças individuais, como no discurso público (Terren & Borge-Bravo, 2021).

Relativamente à literatura desenvolvida sobre os mecanismos imbuídos nas redes sociais que levam à polarização, parecem existir dois pontos de vista principais. Ambos concordam em relação ao efeito polarizador das redes sociais no discurso público. A discórdia localiza-se nos mecanismos que conduzem à polarização.

Por um lado, autores como Gimmler (2001) e Törnberg (2022), detém uma posição "otimista", defendendo os novos avanços na comunicação *online* como permissores de uma diversificação da comunicação ativa e promotores da variedade de pontos de vista, bem como a criação de um

espaço *online* de conhecimento coletivo, democratizando o acesso à informação (Benkler & Nissenbaum, 2006). A chave da polarização está nas características da comunicação *online*, que parecem intensificar de maneira específica a categorização social, levando a que haja uma desqualificação de opiniões exteriores como menos legítimas.

Por outro lado, outros investigadores adotam uma visão mais pessimista, avançando com a ideia de que os espaços de comunicação *online* se tornarão cada vez mais polarizados e homogéneos, pela seleção gradual, por parte dos utilizadores, de informações que confirmam as suas crenças previamente concebidas (Terren & Borge-Bravo, 2021).
Ambos os pontos de vista serão explorados de forma profunda nas secções seguintes.

**Visão pessimista**

Os conceitos de *echo chamber* e *filter bubble* podem ser entendidos como formulações dos processos que levam à polarização e homogeneização de espaços *online.*
A principal ideia por detrás destes conceitos assenta sobre o facto de os utilizadores escolherem interagir com indivíduos e conteúdo que partilham das mesmas inclinações ideológicas, o que limita a exposição a conteúdo ideologicamente diverso, tal como existe no mundo real. Este processo pode ser exacerbado pelos algoritmos das redes sociais, que filtram o conteúdo com base na atividade dos usuários (*filter bubble)*, de modo a retê-los na plataforma. Assim, entendem-se os conceitos de *echo chamber* e *filter bubble* como espaços onde as mesmas opiniões são repetidas e reforçadas (Terren & Borge-Bravo, 2021). Apesar de conduzirem ao mesmo problema, verificam-se diferenças entre os conceitos, baseadas na situação e processos psicológicos que levam à polarização.

O fenómeno de *echo chamber* pode ser entendido à luz de diversos processos psicológicos como homofilia, a tendência humana de interagir com quem é parecido a si, *selective exposure theory*, que afirma que os humanos tendem a procurar informações que confirmem as suas crenças pré-concebidas (fenómeno também conhecido por *confirmation bias)*, o que por sua vez se conecta com as tendências de evitamento de desafios e procura de reforço, o que se traduz numa propensão para o consumo de conteúdo ideologicamente alinhado com o utilizador. A literatura parece suportar a ideia de que estes processos psicológicos são mobilizados para reduzir o nível de dissonância cognitiva, o stress psicológico resultante de um indivíduo conter crenças contraditórias (McPherson et al., 2001; Garrett, 2009; Stroud, 2010; Cinelli et al., 2020). Ao longo do tempo, estas tendências psicológicas podem criar grupos de

indivíduos em que todos partilham da mesma opinião, encontrando-se então numa *echo chamber*.

O conceito de *filter bubble* encontra-se associado ao mecanismo algorítmico das redes sociais, que funciona com base nas interações dos utilizadores com a plataforma, através de "gostos"e "partilhas", bem como o tempo de visualização de certas páginas. Este algoritmo vai então pré-selecionar conteúdo que possa ser potencialmente interessante para o utilizador, o que potencialmente afunila a variedade de informação à qual o indivíduo é exposto (Stegmann et al., 2022). A interação apenas com conteúdo alinhado com as opiniões individuais preconcebidas, pode então levar a que, gradualmente, posições mais extremas sejam percepcionadas como menos extremas, dado que não existe o contrabalanço natural do ponto de vista contrário, à semelhança do que acontece no quotidiano *offline* (Törnberg, 2022).

Um exemplo destes efeitos em ação foi investigado por Schmidt et al. (2018). O estudo, realizado nos EUA, teve como objetivo averiguar o nível de polarização, bem como as mudanças dessa polarização ao longo do tempo, relativamente às opiniões acerca da vacinação, em comunidades do Facebook. De modo a concretizar este objetivo, os investigadores analisaram as interações de 2.6 milhões de utilizadores da plataforma, selecionando os utilizadores com base em palavras chave: "vacina", "vacinas" ou "vacinação", com um mínimo de atividade de 10 *posts* e o tipo de relação da página com o tópico de vacinação. Assim, os investigadores categorizam a sua amostra em dois grupos, com base nas interações dos utilizadores com as páginas do tópico de vacinação: 145 grupos pró-vacinação (1 388 677 utilizadores) e 95 grupos antivacinação (1 277 170 utilizadores). Para analisarem os efeitos de polarização e exposição seletiva, os investigadores utilizaram 5 algoritmos de deteção de comunidades (*FastGreedy*, *WalkTrap*, *MultiLevel* e *LabelPropagation*), que captam, matematicamente tendências nas interações dos indivíduos com a plataforma. Estes algoritmos identificam grupos através da densidade de informações partilhadas entre componentes de um sistema. Neste caso, indivíduos que comunicam através do Facebook.

Os resultados deste estudo demonstraram que as duas principais comunidades no que toca ao tópico das vacinas se encontram altamente polarizadas e dependem dos hábitos de consumo dos utilizadores. Ambas as narrativas (pró e anti vacinação), se propagam através da exposição seletiva e os utilizadores que mais interagem nas páginas têm uma maior pobreza na variedade de informação que consomem. Deste modo, os autores concluem que o consumo de

conteúdo no tópico da vacinação se encontra dominado pelo efeito de *echo chamber* e a polarização tem vindo a aumentar ao longo dos anos.

**Visão "otimista"**

A utilização dos conceitos de *filter bubbles* e *echo chambers* mantém-se como os principais fatores explicativos dos efeitos de polarização das redes sociais. Apesar disso, uma nova pesquisa na área parece sugerir que o impacto de tais fenómenos possa ter sido exagerado (Törnberg, 2022). Estudos recentes nas redes sociais parecem sugerir que os utilizadores não só são frequentemente expostos a informações ideologicamente desalinhadas como até respondem e se envolvem em discussões (Karlsen et al., 2017; Bakshy et al., 2015 ). Nesta linha de pensamento, o consenso parece assentar sobre o facto de as redes sociais, ao invés de fecharem os utilizadores em comunidades segregadas entre si, intensificam a interação com ideias diversas de utilizadores ideologicamente distintos. Apesar da discórdia teórica, ambas as linhas de pensamento sugerem que as redes sociais levam à polarização e radicalização dos utilizadores, apenas por processos diferentes.

Neste sentido, a favor da nova hipótese, procura-se explicar de que forma as redes sociais, tendo em conta o seu potencial democratizador da informação, acabam por polarizar os utilizadores. Estudos como o de Garrett et al., (2014), desenvolvido tendo por base um inquérito nos EUA e Israel, demonstrou que a exposição a notícias ideologicamente desalinhadas com os utilizadores intensifica a polarização. Adicionalmente, o estudo de Bail et al., (2018) apoia também esta hipótese, especificamente na rede social *Twitter*, onde foi pedido aos participantes (N= 1652) para seguirem uma conta ideologicamente desalinhada com eles (preparada pelos investigadores) e visitarem a rede social pelo menos três vezes por semana, durante um mês. No final do estudo, verificou-se que a interação com conteúdo ideologicamente desalinhado tornou os participantes mais polarizados.

Neste sentido, estudos parecem apoiar a ideia de que a exposição a conteúdo diversificado não apazigua o nível das crenças e aumenta a polarização, o que se pode dever à forma como indivíduos, ao receberem uma mensagem, a interpretam dependendo de quem é o mensageiro. A informação recebida por alguém de quem não se gosta ou é percecionado como diferente, tem um impacto substancialmente baixo, em comparação com um mensageiro com o qual esse indivíduo se identifica (Törnberg, 2022).

A base da compreensão do aumento da polarização política parece assentar sobre uma variação do mecanismo universal humano de categorização social. Este mecanismo funciona no sentido de atribuir um sentido a um mundo social complexo, com as suas raízes assentes em sistemas perceptuais, conceptuais e sociais (Rhodes & Baron, 2019). Quando esta categorização de vários aspetos da vida social se alinham ao longo de uma identidade social definida por um partido político, dá-se o nome de *social sorting* (Mason, 2016).Tal acontece de modo a reduzir a pressão social de pertencer a grupos com misturas de comportamentos políticos. Central à compreensão deste ponto de vista, o conceito de *social sorting* parece servir como o mecanismo base para o aumento da polarização política, por sua vez potenciado pelas redes sociais.

Neste sentido, Roccas e Brewer (2002) verificaram que indivíduos que sintam menos misturas de comportamentos políticos se identificam mais fortemente com o seu *ingroup* e são menos tolerantes de *outgroups.* Quando uma grande parte dos membros de um grupo fazem (ou se acredita que fazem) também parte de outro grupo, indivíduos que pertencem apenas a esse primeiro grupo são mais prováveis de se apresentar intolerantes, enviesados e com sensações negativas para com aqueles do *outgroup*. De forma oposta, quando identidades grupais já por si são misturadas, indivíduos geralmente revelam-se como mais tolerantes, menos enviesados e sentem emoções mais positivas relativamente a *outgroups*. Tal se verifica porque identidades grupais mais complexas reduzem as diferenças percebidas entre grupos, o que permite que os indivíduos se sintam aceites e definidos por um número maior de grupos (Mason & Wronski, 2018).

A nível de grupos sociais em locais geográficos, o processo de *sorting* parece ser apaziguado, dado que os diferentes conflitos entre indivíduos que partilham um espaço, muitas vezes partilham também outros interesses, tais como religião, clube de futebol ou atividades lúdicas. Desta forma, esta partilha de um modo de vida ameniza a tensão gerada pelas discussões entre indivíduos (Törnberg, 2022). O crescimento das redes sociais revela-se como um elemento que destabiliza este equilíbrio. Através da conexão de indivíduos com outros fora da sua esfera local, as redes sociais não têm a componente cultural que mantém a estabilidade do discurso público, pelo que o processo de *sorting* é intensificado, levando ao aumento do preconceito e ódio pelo *outgroup*, marcadores chave de uma sociedade polarizada.

**Ambas as visões conduzem à polarização política**

Neste sentido, as duas visões do impacto das redes sociais no discurso público apresentadas acima (pessimista e "otimista") podem servir cada uma como um fio condutor entre as redes sociais e a polarização política. A principal diferença entre os dois pontos de vista assenta nos mecanismos que levam à polarização política dos indivíduos.

Por um lado, a visão pessimista defende que os fenómenos de *echo chamber* e *filter bubble* são os principais mecanismos através dos quais ocorre a homogeneização dos espaços *online*, em que grupos de indivíduos se tornam cada vez mais isolados entre si, não havendo contacto com pontos de vista diferentes. É então no isolamento perante o outro que se dá a polarização política (Terren & Borge-Bravo, 2021).

Por outro lado, a visão "otimista" argumenta que é o contacto com diferentes pontos de vista que leva à polarização. A tendência natural humana de categorizar os indivíduos (*sorting*), é controlada num grupo geográfico dado que pessoas que vivem num mesmo sítio, apesar de discordarem politicamente de algo, provavelmente terão outras coisas em comum, como o clube de futebol que apoiam ou a igreja que frequentam. As redes sociais desfazem esta "cola" social que mantém a estabilidade das dinâmicas grupais no mundo real, já que se entra em contacto com indivíduos de todo o mundo com quem de outra forma, não se teria contacto. Esta situação intensifica o processo de categorização, o que por sua vez aumenta a polarização entre grupos (Törnberg, 2022).

**Relação entre polarização política e radicalização política**

O conceito de polarização refere-se ao processo através do qual a opinião pública se altera progressivamente, passando de uma distribuição natural para uma situação onde dois ou mais grupos vêm indivíduos de outros grupos com agentes políticos ilegítimos. Este fenómeno verifica-se como potencialmente perigoso para o funcionamento democrático de uma sociedade e pode promover a violência contra certos grupos (Almagro, 2023).

No artigo de Almagro (2023), o autor procura perceber o que acontece às crenças de indivíduos que se inserem numa sociedade que passa por um processo de polarização, sendo que, ao fazê-lo, estabelece uma ligação entre o conceito de polarização e radicalização. Neste sentido, a polarização parece ter duas consequências principais para as crenças dos indivíduos: o aumento do extremismo do seu conteúdo e o aumento do grau de confiança depositado nas crenças. O autor, seguindo as ideias de Sustein (2017), utiliza os conceitos de extremismo e radicalismo para explicar os efeitos da polarização nas crenças dos indivíduos. Por um lado, o extremismo concebe a polarização em termos da distância entre os conteúdos das crenças dos grupos. Em particular, o extremismo pode ser caracterizado pela tendência de dois grupos com visões

opostas se moverem para os extremos de um espectro ideológico. Quanto maior for a distância entre os conteúdos das crenças de cada grupo, maior o nível de extremismo. Por outro lado, o radicalismo concebe a rutura que caracteriza a polarização em termos do nível de confiança depositada em certas crenças opostas, ou seja, no grau da crença, independentemente da localização das crenças no espectro político.

O extremismo e o radicalismo juntam-se em diversos casos, dado que quando um indivíduo se torna mais confiante em certas crenças, tende a expressá-lo com informações mais extremas no seu conteúdo.

Para além disto, o mesmo autor argumenta que o processo de polarização pelo qual os indivíduos se têm vindo a dividir, se enquadra melhor com o conceito de radicalismo do que com extremismo. Com isto, verifica-se que o aumento da animosidade entre grupos políticos ocorre principalmente pelo aumento do grau de confiança das crenças centrais de cada grupo. A principal consequência do radicalismo nas crenças de indivíduos é, de acordo com o autor, o facto de elas se tornarem imunes a diálogos com ideias opostas, mantendo-se estáticas. Quando tal acontece, indivíduos desvalorizam opiniões diferentes, olhando para quem discorda como agentes políticos ilegítimos, não merecedores de respeito. Nesta situação, o nível de confiança na crença do grupo político é de tal grau que os indivíduos se tornam insensíveis à discussão de ideias com os seus opositores ideológicos (Bordonaba & Villanueva, 2018, citado por Almagro, 2023).

**Radicalização política**

A investigação de Della Porta (2018), sugere a presença de um debate conceptual da definição do termo “radical”, que parece ter sofrido uma mudança de significado ao longo do tempo. Historicamente, o movimento radical esteve associado à implementação de instituições políticas democráticas e republicanas, principalmente por vias pacíficas. Apenas mais recentemente o termo “radical” adquiriu uma conotação ambivalente, utilizado tanto para descrever a aderência a ideologias não moderadas como para o emprego de ações violentas. Em particular, a radicalização tem vindo a ser relacionada com a adoção de crenças inabaláveis, onde se assume que crenças radicais tendem a resultar em ações violentas.

Esta assunção de que crenças radicais tendem a resultar em ações violentas constitui um dos grandes debates conceptuais no que toca à literatura sobre o tema da radicalização política.

As duas vertentes que procuram definir o processo de radicalização assentam sobre uma perspetiva de crenças e uma perspetiva comportamental.

De acordo com a perspetiva de crenças, como descrito acima, a radicalização é vista como uma consequência de uma sociedade polarizada, onde há um aumento do grau de confiança depositado nas crenças de um grupo, o que leva à desvalorização de outros grupos como agentes políticos ilegítimos (Almagro, 2023).

De acordo com a perspetiva comportamental, o radicalismo é visto como uma escalada de comportamentos não violentos, para ações cada vez mais violentas. Este processo desenvolve-se por meio de um conjunto complexo de interações ao longo do tempo (Bosi & Malthaner, 2015). A componente política acrescenta-se quando o objetivo da mobilização desses meios é a mudança no clima político (Della Porta, 2018).

Apesar disto, é sabido que a maioria dos indivíduos que apresentam crenças radicais não se envolvem com atividades violentas. Normalmente, verifica-se que a adoção de crenças radicais não precede uma ação radical, mas sim o envolvimento com ações ativistas num meio radical (Bjørgo & Horgan 2008, citado por Della Porta, 2018).

Deste modo, no presente estudo, o conceito de radicalização política é entendido como um fenómeno consequente de uma sociedade polarizada, onde as crenças dos indivíduos assumem um grau de confiança tal, que acabam por destituir outros grupos políticos como agentes ilegítimos. Desta desvalorização do outro decorre uma escalada de um repertório de ações não violentas para ações cada vez mais violentas, apesar de, na maioria dos casos, indivíduos adotarem ações ativistas não violentas, com o intuito de alterar um clima político (Almagro, 2023; Bosi & Malthaner, 2015; Della Porta, 2018).

Desta forma, o debate atual da literatura da radicalização política parece assentar sobre dois focos principais: a descrição dos processos que levam à radicalização de indivíduos, grupos e massas e o outro procura diferenciar atitudes radicais da ação radical ( McCauley & Moskalenko, 2008; McCauley & Moskalenko, 2017; Khalil et al., 2022).

Um modelo teórico que procura explicar o processo de radicalização, colocando a distinção entre atitude e ação radicais como o centro explicativo da mobilização política foi desenvolvido por Khalil et al., (2022). Este modelo, denominado de *Attitudes-Behavior Corrective (ABC) Model of Violent Extremism* (ver Anexo 2) é constituído por dois eixos, um eixo atitudinal (x) e um eixo comportamental (y), onde se classificam indivíduos com base no

seu nível de oposição ou simpatização por violência justificada por ideologias radicais (eixo x) e o seu nível de envolvimento comportamental nessa mesma violência (eixo y). Apesar da clara distinção entre atitude e comportamento, os autores assumem a força da atitude como um moderador fundamental do envolvimento em comportamentos violentos, tal como descrito por Armitage e Christian (2003), na medida em que atitudes mais fortes são mais prováveis de predizer o comportamento de indivíduos do que atitudes mais fracas.

De acordo com o modelo, um indivíduo pode deslocar-se de um lado dos eixos para o outro ao longo da sua vida, de acordo com um conjunto complexo de fatores. Como meio de explicar esta possibilidade dinâmica de alterações atitudinais e comportamentais ao longo do tempo, os autores propõem um sistema com três componentes principais (ver Anexo 3) que motivam indivíduos tanto a simpatizar com ideologias radicais, como a adotar comportamentos violentos. Destacam-se então motivadores estruturais, incentivos individuais e fatores facilitadores (Khalil et al., 2022).

Os motivadores estruturais dizem respeito aos fatores contextuais relevantes do local específico onde o sujeito se encontra, tais como a repressão estatal, exclusão política, corrupção, pobreza, desigualdade, discriminação e o nível de polarização política.

Os incentivos individuais englobam benefícios económicos, psicossociais e de segurança, que para o indivíduo, justificam agir de forma que contribua para a violência. Aqui destacam-se incentivos como salários, proteção, estatuto, uma sensação de pertença, vingança, entre outros.

Entendem-se por fatores facilitadores os elementos que não motivam diretamente indivíduos a alinharem-se com ideologias radicais, mas atuam na disseminação e comunicação destas ideologias. Verificam-se mentores, recrutadores, redes sociais, comunidades *online* e os media.

Deste modo, os autores acreditam que os motivadores estruturais, em combinação com fatores facilitadores, geralmente provocam movimentos no eixo x para a direita, por isso, uma maior simpatização com violência ideologicamente justificada. Um maior envolvimento em comportamentos violentos (movimento ascendente do eixo y) são geralmente associados a incentivos individuais, em combinação com fatores facilitadores.

Com estas três componentes, os autores procuram trazer a atenção para a multiplicidade de combinações de fatores que motivam indivíduos a realizar movimentos dentro de ambos os eixos do modelo (Khalil et al., 2022).

**Relação entre redes sociais e radicalização política**

Nesta secção, procura-se estabelecer uma relação entre o tempo passado nas redes sociais e a radicalização política. O entendimento da internet como um fator facilitador da disseminação de conteúdo ideológico, tal como apontado por Khalil et al., (2022), pode servir como um ponto de partida. O desenvolvimento cada vez mais acelerado da Internet permite estabelecer uma linha de comunicação permanente, entre um indivíduo ou grupo radicalizado e indivíduos outrora inacessíveis, em espaços comunicativos fáceis de navegar sem qualquer experiência e de crescente popularidade entre os jovens. Para além disto, as redes sociais reduzem tremendamente os custos de atividade propagandista, dado que são maioritariamente de acesso gratuito, bem como o facto de as publicações feitas se encontrarem acessíveis a todas as horas do dia (Hollewell & Longpré, 2022; Dauber & Ilter, 2019). Desta forma, talvez não seja surpreendente o artigo de Hoffman (2002) sugerir que 90% da nova atividade terrorista se dá nos meios de comunicação *online*.

**Nível grupal**

Até agora, a linha de pensamento construída neste artigo seguiu uma visão ao nível grupal. As redes sociais são vistas como meios de comunicação que promovem a polarização política de grupos de indivíduos, quer seja por via de *echo chambers* e *filter bubbles*, ou através da intensificação do processo de *social sorting.* (Törnberg, 2022) . Como consequência de uma crescente polarização política a um nível geral, as crenças dos indivíduos adquirem um caráter radical, conduzindo então ao aumento do risco da radicalização comportamental dos indivíduos (Almagro, 2023).

**Nível individual**

De acordo com a literatura que procura abordar o impacto das redes sociais na radicalização política a nível individual, o termo "*self-radicalization"* aparece como um conceito base para a compreensão deste processo. Dá-se o nome de *self-radicalization* ao fenómeno através do qual um indivíduo adota crenças radicais sem a influência de outros indivíduos durante o processo de radicalização (Macdonald & Whittaker, 2019).

Os autores Hollewell e Longpré (2022), realizaram um estudo que trás a atenção para os potenciais perigos das redes sociais no processo de *self-radicalization*. Neste sentido, os autores recrutaram uma amostra de 499 estudantes universitários através da *Amazon*

*Mechanical Turk*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Recolheram dados relativamente à inteligência emocional, nível de educação, género, envolvimento em redes sociais, atitudes para com terrorismo, atitudes relativamente à violência política e solidão. Os resultados obtidos neste estudo demonstram que homens jovens, com um nível de educação alto (pelo menos um licenciatura) constituem a população em maior risco de apresentar atitudes positivas relativamente ao terrorismo e uso de violência política, logo, com maior risco de se radicalizarem. Para além disto, os mesmos autores desenvolvem uma advertência para o tempo passado nas redes sociais, no sentido em que realçam a convergência entre o uso extensivo das redes sociais pelos jovens e o facto de ser esse um período da vida que se classifica como vulnerável para a adoção de crenças radicais (Schils & Verhage, 2017).

Do ponto de vista da psicologia social, existem diversos mecanismos que podem explicar o potencial radicalizador da Internet. O trabalho de Ducol et al., (2016) citado por Whittaker (2022), surge como uma potencial explicação das dinâmicas que ocorrem entre um indivíduo e a Internet, num sentido radicalizador. Assim, os autores avançam com a ideia de que a Internet oferece aos indivíduos uma oportunidade para participarem em novos grupos, sendo que, ao se acrescentar a anonimidade proveniente do mundo *online*, pode despoletar um processo de desindividuação. Por sua vez, isto facilita o alinhamento dos comportamentos do indivíduo com os do grupo, originando uma difusão de responsabilidade. Os autores também destacam que a atividade *online* pode amplificar a atração ao *in-group* enquanto aumenta a hostilidade para o *outgroup*, o que pode provocar uma perceção de ameaça à identidade pessoal, que justifique o ódio pelo *outgroup*.

Para além disso, combinam também a literatura da exposição seletiva para argumentar que esse processo pode levar à criação de um enviesamento cognitivo que promove não só a polarização, como também serve como um escape para esses indivíduos expressarem o seu "eu verdadeiro", através da partilha das suas identidades estigmatizadas com pessoas semelhantes. Os mesmos autores sugerem que as relações estabelecidas podem resultar numa maior intimidade e conexão do que as relações *offline*. Adicionalmente, a procura de homofilia alinha-se com a construção algorítmica das redes sociais, o que facilita a criação de ambientes onde subculturas desviantes se podem formar. Estas subculturas estão protegidas pelo anonimato proveniente da Internet, podendo tornar-se em locais mais propensos para dinâmicas sociais coletivas que levam a uma maior concordância entre os membros. Através desta explicação, é possível verificar que tanto a nível grupal como individual, os mesmos mecanismos e processos psicológicos estão presentes. Assim, deve-se considerar o efeito das redes sociais na

radicalização política como uma questão complexa, dependente de sistemas que interagem entre si.

**Implicações para a psicologia clínica**

No que toca à saúde mental, parecem existir diversos fatores de risco que aumentam a probabilidade de indivíduos aderirem a atitudes e comportamentos politicamente violentos. Neste sentido, a meta-análise levada a cabo por Kenyon et al., (2023), oferece conclusões compreensivas a respeito do perfil de indivíduo mais provável de se radicalizar por via *online.* Os autores analisaram uma amostra de 235 indivíduos condenados por crimes extremistas no Reino Unido e no País de Gales, com o objetivo de explorar o perfil sócio-demográfico e historial de ofensas, em relação ao contacto com a Internet ao longo do seu processo de radicalização. Os dados relevantes deste estudo apontam, em primeiro lugar, para o facto de 48% dos indivíduos se radicalizaram através de uma combinação de meios *online* e *offline.* Em segundo lugar, os resultados demonstram também que no que toca à radicalização *online*, a população de maior risco assenta sobre jovens, tanto do sexo masculino como feminino (até 25 anos), socialmente isolados, com um historial limitado de violência e demonstram uma elevada probabilidade de sofrerem de doença mental ou de um distúrbio de personalidade. Apesar disto, este mesmo estudo revela que indivíduos que se radicalizaram primariamente por vias *online* demonstram a menor probabilidade de passarem a atos violentos, em comparação com indivíduos que se radicalizaram por meios cara a cara, ou um misto de cara a cara e vias *online* (Kenyon et al., 2023).

A maior prevalência de doença mental em indivíduos radicalizados assenta sobre pessoas que passaram pelo processo de *self-radicalization*, o que normalmente se traduz em indivíduos que atuam de forma solitária (Macdonald & Whittaker, 2019). Esta afirmação é suportada por outra meta-análise, levada a cabo por Trimbur et al., (2021), onde os autores analisaram 25 artigos científicos com o intuito de procurar uma relação entre radicalização e condições psiquiátricas. Dadas as diferenças metodológicas entre os estudos, os autores não conseguiram estabelecer uma relação forte entre radicalização e doenças mentais. Apesar disto, há resultados desta meta-análise que se devem ter em conta, no que toca a atores solitários. Neste caso específico, os autores verificaram que a prevalência de doença mental pode variar entre 31.9% a 48.5%. As principais condições de saúde mental assentam sobre depressão, perturbações psicóticas, abuso de substâncias e perturbações de personalidade.

Para além disto, estudos recentes têm vindo a estabelecer uma forte relação entre ansiedade e aderência a atitudes radicais, através da Internet. Neste sentido, a investigação de McGarry e Shortland (2023), procurou demonstrar de que forma a ansiedade existencial afeta um mecanismo de deteção de conflitos internos, hipotetizando que um maior nível de ansiedade existencial contribui para uma maior aderência a conteúdos extremistas.

Os autores baseiam-se na ideia de que muitas das componentes que explicam a forma como indivíduos se auto-radicalizam através da Internet, vai de encontro com a *Reinforcement Sensitivity Theory*, uma teoria motivacional comportamentalista que coloca respostas químicas do cérebro no foco da ação humana. Esta foi a teoria que deu origem ao conceito do *Fight or Flight System* (Pickering & Corr, 2008). De acordo com a teoria, o sistema que lida com a deteção de conflitos internos (*Behaviour Inhibition System*, ou *BIS)*, inibe um comportamento quando um conflito é detetado entre objetivos comportamentais simultâneos. Indivíduos com uma maior sensibilidade neste sistema apresentam níveis mais altos de ansiedade, reportam menos propósito nas suas vidas e têm mais atenção aos aspetos negativos das situações (Pickering & Corr, 2008). No que toca à radicalização, este sistema é ativado quando é detetada uma ameaça existencial, dado que essa ameaça realça um conflito entre os objetivos pessoais e as circunstâncias de determinado indivíduo. Na face desta situação, indivíduos podem assumir comportamentos compensatórios, como é o caso de aderirem a comportamentos radicais de modo a alterar o clima político do local onde vivem, de modo a que melhor se alinhe com os seus objetivos (Pickering & Corr, 2008).

Assim, os investigadores juntaram uma amostra de 479 participantes, com uma média de idades de 40.9 anos. Foi utilizado o *Corr-Cooper RST Personality Questionnaire (RST-PQ)* de modo a medir a sensibilidade do sistema de deteção de conflitos e a *Activism and Radicalism Intention Scales (ARIS)* (à semelhança deste artigo), para medir a intenção de comportamentos de intenção política, antes e depois da exposição a conteúdo extremista. Os indivíduos eram depois expostos a conteúdo de uma conta de uma rede social que de forma crescente se torna mais extremista e foi pedido que indicassem que ação tomariam relativamente àquela conta (*Like, Share* ou *Report).*

Os resultados deste estudo apoiaram a hipótese inicial, no sentido em que os participantes com um sistema de deteção de conflitos mais sensível, demonstram valores mais altos na *Activism and Radicalism Intention Scales.* Desta forma, os resultados revelam uma motivação movida pela ansiedade de aderir e interagir com conteúdo extremista, um aumento da influência deste tipo de conteúdo em indivíduos mais ansiosos, bem como um aumento de intenções ativistas e radicais (Pickering & Corr, 2008).

Desta forma, é possível considerar que a saúde mental é um fator a considerar no que toca ao processo de radicalização política, pelo que acompanhamento psicológico pode ter um impacto positivo no trabalho de desmotivar indivíduos a terem comportamentos possivelmente violentos para com a sociedade.

**Anexo 2:** ***Attitudes-Behavior Corrective (ABC) Model of Violent Extremism***

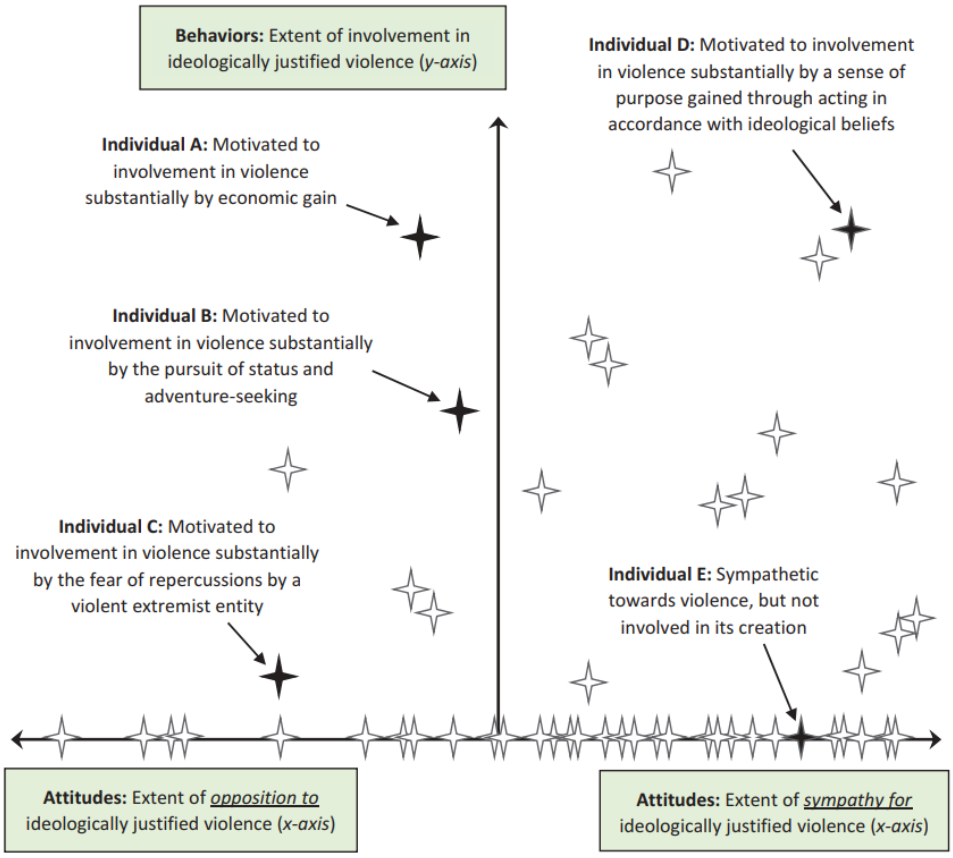



**Figure 1.** The partial disconnect between attitudes and behaviors.[29]

**Anexo 3: Sistema de fatores que influenciam as dinâmicas do processo de radicalização.**



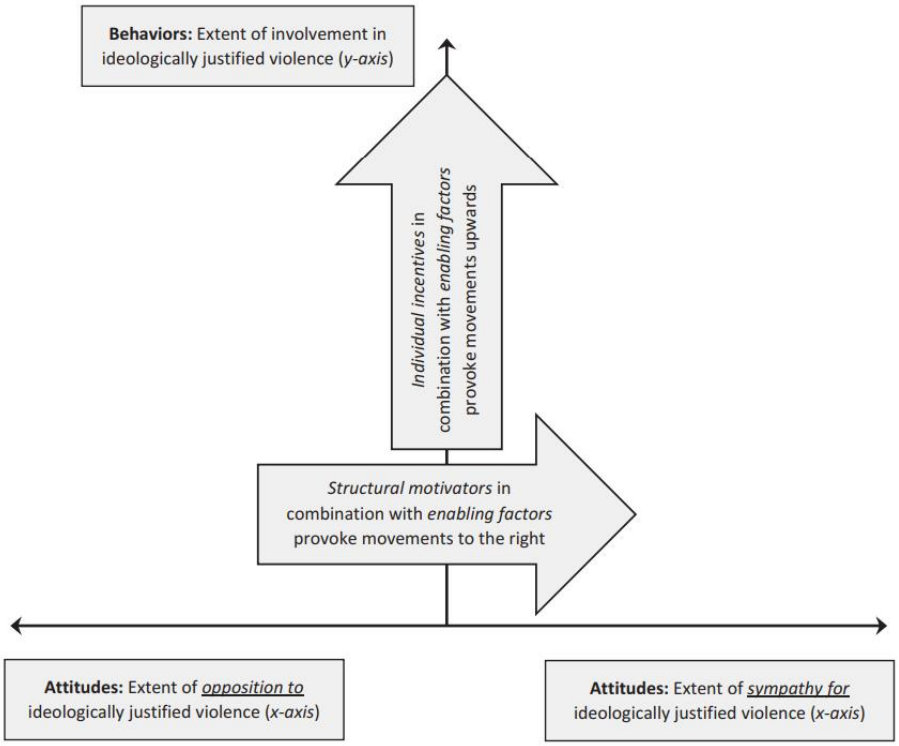



**Figure 3.** An RCT interpretation of drivers in relation to attitudes and behaviors.

## Anexo 4: Validação do instrumento de medida para a população portuguesa

Com o objetivo da utilização da escala *ARIS* no estudo principal, realizou-se um inquérito via Qualtrics, de modo a validar a escala para a população portuguesa. De acordo com o artigo original da criação da escala, os dois últimos itens do instrumento não produziram valores interpretáveis de informação, pelo que foram retirados (Moskalenko & McCauley, 2009). De modo a produzir os resultados mais satisfatórios possíveis, procurou-se replicar da forma mais exata possível o estudo original.

### Métodos

### Participantes

Na totalidade, foram recolhidas 89 respostas, das quais 5 rejeitaram a recolha das suas respostas, pelo que se analisam 84 respostas (*N*=84). Dos 84 participantes, 25 são do sexo masculino (30%) e 59 do sexo feminino (70%). As idades variaram entre 33 e 18 anos, com uma média de 22.2 anos. O nível de educação dos participantes variou entre o 9º ano (apenas 1 participante) e o Mestrado, sendo que a maioria cumpria o nível de Licenciatura (75% Licenciatura, 14% Mestrado, 10% 12º ano e 1% 9ºano).

### Escala

Os 8 itens da escala foram traduzidos e revistos por um tradutor de língua portuguesa e inglesa, de modo a que o significado de cada item se mantenha fiel ao seu original. A versão final dos itens foi:

1. Juntar-me-ia a / faria parte de uma organização que lutasse pelos direitos políticos e legais do meu grupo.
2. Faria donativos monetários a uma organização que lutasse pelos direitos políticos e legais do meu grupo.
3. Faria trabalho voluntário (*e.g.* escrever petições, distribuir folhetos, recrutar pessoas, etc.) para uma organização que lutasse pelos direitos políticos e legais do meu grupo.
4. Viajaria durante uma hora para me juntar a um comício, protesto ou manifestação pública em apoio do meu grupo.
5. Continuaria a apoiar uma organização que lutasse pelos direitos políticos e legais do meu grupo, mesmo que essa organização, por vezes, transgredisse a lei.

6. Continuaria a apoiar uma organização que lutasse pelos direitos políticos e legais do meu grupo, mesmo que essa organização, por vezes, recorresse à violência.
7. Participaria numa manifestação contra a opressão do meu grupo, mesmo que previsse a possibilidade de esse protesto se tornar violento.
8. Atacaria as forças policiais ou de segurança se as visse a atacar fisicamente membros do meu grupo.

À semelhança do estudo original, foi associada a cada item uma escala ancorada nos valores de 1 a 4 (1=muito improvável; 2=improvável; 3=provável; 4=muito provável).

**Procedimentos**

As respostas foram obtidas via a publicação do link do inquérito através da plataforma *Instagram.*

As respostas à escala foram precedidas por uma secção de introdução ao questionário, que continha a mensagem: "Obrigado pela sua colaboração neste estudo. Neste estudo abordamos o fato de sermos seres sociais. Como seres sociais, fazemos parte de diversos grupos, de acordo com os inúmeros fatores da nossa identidade. E esses grupos distribuem-se por diferentes dimensões da nossa vida que se cruzam entre si mas podem ser individualizados em diferentes categorias. Os grupos podem ser religiosos (p. ex: Católico, Muçulmano), associados à defesa de causas (p. ex: ambiente, direitos humanos, aborto), económicos (p. ex: trabalho, sindicatos, desempregados), políticos (p. ex: esquerda, direita), desportivos (p ex: clube de futebol, modalidade desportiva) de identidade social (p. ex: gay/lésbica, país, etnia) ou individual (p-ex: família, amigos). Vamos pedir-lhe para pensar num dos grupos, aquele que tenha especial relevância para si e depois responder a algumas perguntas de caráter anónimo. Por favor refira abaixo que aceita a recolha das suas respostas anónimas".

De seguida, foi pedido aos participantes que indicassem qual a categoria de grupo mais importante para eles e que as seguintes questões seriam referentes ao grupo indicado. Após este momento de seleção de um grupo foi pedido aos participantes para responderem à escala *ARIS.* Após a resposta à escala foram recolhidos alguns dados demográficos (idade, género e nível de educação) e uma medida de desconforto na resposta ao questionário.

**Resultados**

Em resposta aos grupos com quais os participantes mais se identificaram, 68 escolheram família e amigos (59%), 13 escolheram um grupo associado a uma causa (11%), 9 escolheram um grupo religioso (8%), 8 escolheram um grupo económico (7%), 5 escolheram um grupo desportivo (4%), 4 escolheram um grupo político (3%), 3 escolheram um grupo associado ao género (3%), 2 escolheram um grupo de identidade social (2%) e 4 escolheram outro grupo (3%), os quais foram saúde mental (*N*=2), comida (*N*=1), LGBT + Queer (*N*=1) e 1 participante não se identificou com nenhum grupo.

De modo a serem analisados os resultados das respostas à escala, utilizou-se a plataforma Jamovi, onde, à semelhança dos autores do estudo original, se aplicou uma Análise Fatorial de Componentes Principais com uma rotação Oblimin nos 8 itens da escala. Este método produziu duas componentes com *eigenvalues* superiores a 1 (2.64 e 2.47), que explicam, respetivamente, 32.9% e 30.8% da variância total. A primeira componente engloba os 4 últimos itens, referentes a intenções radicais (EIR) e a segunda componente engloba os 4 primeiros, referentes a intenções ativistas (EIA). As duas componentes não se correlacionam (Tabela 2.) Tanto a Escala de Intenções Ativistas como a Escala de Intenções Radicais apresentam boa fiabilidade (*Cronbach*-α = .769 e *Cronbach*-α = .811 respetivamente). Foi conduzida também uma análise adicional aos 4 itens de cada escala (EIA: *M*= 2.69, *DP*= .742; EIR: *M*= 1.79, *DP*= .779). Tal como nos estudos originais dos autores, a EIA teve uma média superior à EIR.

Tabela 1. Pesos das Componentes

| | Componente | | |
|---|---|---|---|
| | **1** | **2** | **Singularidade** |
| Item 1 | | 0.804 | 0.330 |
| Item 2 | | 0.787 | 0.377 |
| Item 3 | | 0.843 | 0.280 |
| Item 4 | | 0.629 | 0.572 |
| Item 5 | 0.717 | | 0.436 |
| Item 6 | 0.855 | | 0.254 |
| Item 7 | 0.859 | | 0.263 |
| Item 8 | 0.763 | | 0.386 |

*Nota.* Foi utilizada a rotação 'oblimin'

Tabela 2. Correlações Inter-componentes

| | **1** | **2** |
|---|---|---|
| 1 | — | -0.0388 |
| 2 | | — |

## Discussão

A análise dos resultados parece sugerir que a escala traduzida apresenta as mesmas propriedades do que a escala original, em termos de validade de construto e fiabilidade.

A principal diferença no que toca aos resultados da validação da escala em comparação com o estudo original assenta na correlação entre a EIA e a EIR. No presente estudo, a correlação entre as duas escalas foi de -0.0388, pelo que não se considera um efeito forte. Desta

forma, quando se aplica esta escala na população portuguesa, deve-se considerar que a medida de intenções ativistas se encontra separada da medida de intenções radicais.

Adicionalmente, após a realização, diversos participantes manifestaram desconforto na escolha do grupo. O desconforto revelou-se em dois grupos. O primeiro foi "identidade social", dado que mistura questões de identidade sexual com questões culturais da etnia. Neste sentido, na fase seguinte procura-se alterar o grupo, fazendo-se uma divisão em dois grupos, um denominado de "identidade sexual" e outro "étnico / racial". O segundo foi "individual", um grupo que inclui a família e os amigos. Tendo em conta a natureza política da escala, considerou-se que não faria sentido incluir esta categoria, dado que atraiu respostas para fora do tema grupal, para um nível pessoal.

## Anexo 5: Tabelas estatísticas

**Tabelas 1:** Análise fatorial e análise de fiabilidade da escala ARIS

Pesos fatoriais

| | Fator | | |
|---|---|---|---|
| | **1** | **2** | **Singularidade** |
| ARIS_1 | | 0.666 | 0.533 |
| ARIS_2 | | 0.497 | 0.681 |
| ARIS_3 | | 0.827 | 0.355 |
| ARIS_4 | | 0.523 | 0.596 |
| ARIS_5 | 0.570 | | 0.515 |
| ARIS_6 | 0.842 | | 0.344 |
| ARIS_7 | 0.713 | | 0.451 |
| ARIS_8 | 0.591 | | 0.597 |

*Nota.* Método de extração 'Resíduo mínimo' foi usado em combinação com uma rotação 'oblimin'

Correlações inter-fatores

| | **1** | **2** |
|---|---|---|
| **1** | **—** | **0.306** |
| **2** | | **—** |

Estatísticas de Fiabilidade de Escala

| | **α de Cronbach** |
|---|---|
| **escala** | **0.801** |

**Tabela 2:** Matriz de correlações entre o tempo passado online e o nível de radicalização política

Matriz de Correlações

| | | Tempo online | ARIS(1-8) | ARIS(1-4) | ARIS(5-8) |
|---|---|---|---|---|---|
| Tempo online | R de Pearson | — | | | |
| | gl | — | | | |
| | p-value | — | | | |
| **ARIS(1-8)** | R de Pearson | 0.173 * | — | | |
| | gl | 142 | — | | |
| | p-value | **0.038** | — | | |
| **ARIS(1-4)** | R de Pearson | 0.225 ** | 0.837 *** | — | |
| | gl | 142 | 144 | — | |
| | p-value | **0.007** | < .001 | — | |
| ARIS(5-8) | R de Pearson | 0.071 | 0.849 *** | 0.422 *** | — |
| | gl | 142 | 144 | 144 | — |
| | p-value | 0.399 | < .001 | < .001 | — |

*Nota.* * p < .05, ** p < .01, *** p < .001

**Tabelas 3:** Análise fatorial e análise de fiabilidade da escala de ansiedade existencial

Pesos das Componentes

| | Componente | |
|---|---|---|
| | **1** | **Singularidade** |
| ANS.EX_1T | 0.508 | 0.742 |
| ANS.EX_2T | 0.735 | 0.460 |
| ANS.EX_3T | 0.597 | 0.643 |
| ANS.EX_4T | 0.627 | 0.607 |
| ANS.EX_5T | 0.680 | 0.538 |
| ANS.EX_6T | 0.567 | 0.679 |

*Nota.* Foi utilizada a rotação 'varimax'

Estatísticas de Fiabilidade de Escala

| | **α de Cronbach** |
|---|---|
| escala | **0.680** |

**Tabelas 4:** Análise do efeito moderador do contexto *online* e *offline* na relação entre o tempo passado nas redes sociais e o nível de radicalização política,

Model Info

| Info | |
|---|---|
| Estimate | Linear model fit by OLS |
| Call | ARIS(1-8) ~ 1 + `Tempo online` + Cont.Dif + `Tempo online`:Cont.Dif |
| R-squared | 0.0616 |
| Adj. R-squared | 0.0414 |

ANOVA Omnibus tests

| | SS | df | F | p | $\eta^2$ | $\eta^2p$ |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Model | 206.2 | 3 | 3.04 | 0.031 | 0.062 | 0.062 |
| Tempo online | 84.4 | 1 | 3.74 | 0.055 | 0.025 | 0.026 |
| Cont.Dif | 55.1 | 1 | 2.44 | 0.121 | 0.016 | 0.017 |
| Tempo online ✻ Cont.Dif | 56.9 | 1 | 2.52 | 0.115 | 0.017 | 0.018 |
| Residuals | 3140.3 | 139 | | | | |

| | | |
|---|---|---|
| Total | 3346.5 | 142 |

Fixed Effects Parameter Estimates

| | | | 95% Confidence Interval | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Names** | **Estimate** | **SE** | **Lower** | **Upper** | **β** | **df** | **t** | **p** |
| (Intercept) | 17.7073 | 0.3976 | 16.92117 | 18.4934 | 0.000 | 139 | 44.54 | < .001 |
| Tempo online | 0.0570 | 0.0295 | -0.00129 | 0.1153 | 0.160 | 139 | 1.93 | 0.055 |
| Cont.Dif | -0.7087 | 0.4537 | -1.60579 | 0.1884 | -0.128 | 139 | -1.56 | 0.121 |
| Tempo online ✻ Cont.Dif | -0.0535 | 0.0337 | -0.12026 | 0.0132 | -0.132 | 139 | -1.59 | 0.115 |

Simple effects of Tempo online : Omnibus Tests

| **Moderator levels** | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Cont.Dif** | **F** | **Num df** | **Den df** | **p** | **$\eta^2$** | **$\eta^2p$** |
| **Mean-1-SD** | **6.8980** | **1.00** | **139** | **0.010** | **0.0466** | **0.047** |
| Mean | 3.7380 | 1.00 | 139 | 0.055 | 0.0252 | 0.026 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Mean+1-SD | 0.0510 | 1.00 | 139 | 0.822 | 3.44e-4 | 0.000 |

Simple effects of Tempo online : Parameter estimates

| Moderator levels | | | 95% Confidence Interval | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Cont.Dif** | **Estimate** | **SE** | **Lower** | **Upper** | **β** | **df** | **t** | **p** |
| **Mean-1-SD** | **0.10408** | **0.0396** | **0.02573** | **0.1824** | **0.2918** | **139** | **2.626** | **0.010** |
| Mean | 0.05698 | 0.0295 | -0.00129 | 0.1153 | 0.1597 | 139 | 1.933 | 0.055 |
| Mean+1-SD | 0.00989 | 0.0439 | -0.07696 | 0.0967 | 0.0277 | 139 | 0.225 | 0.822 |

**Tabelas 5:** Efeito moderador do contexto *online* na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política.

Moderation Estimates

| | **Estimate** | **SE** | **Z** | **p** |
|---|---|---|---|---|
| Tempo online | 0.0533 | 0.0291 | 1.833 | 0.067 |
| **Cntx.On** | **1.1576** | **0.4722** | **2.452** | **0.014** |
| Tempo online ✻ Cntx.On | 0.0386 | 0.0419 | 0.921 | 0.357 |

Simple Slope Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Average | 0.0536 | 0.0292 | 1.837 | 0.066 |
| Low (-1SD) | 0.0218 | 0.0479 | 0.454 | 0.650 |
| **High (+1SD)** | **0.0854** | **0.0424** | **2.013** | **0.044** |

Nota. shows the effect of the predictor (Tempo online) on the dependent variable (ARIS(1-8)) at different levels of the moderator (Cntx.On)

**Tabelas 6:** Efeito moderador do contexto *offline* na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política,

Moderation Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Tempo online | 0.0602 | 0.0291 | 2.068 | 0.039 |
| Contx.Off | 0.1832 | 0.5255 | 0.349 | 0.727 |
| Tempo online ✻ Contx.Off | -0.0647 | 0.0399 | -1.622 | 0.105 |

Simple Slope Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Average | 0.0599 | 0.0294 | 2.037 | 0.042 |
| **Low (-1SD)** | **0.1085** | **0.0421** | **2.574** | **0.010** |
| High (+1SD) | 0.0113 | 0.0420 | 0.268 | 0.789 |

*Nota.* shows the effect of the predictor (Tempo online) on the dependent variable (ARIS(1-8)) at different levels of the moderator (Contx.Off)

**Tabela 7:** Matriz de correlações entre a ansiedade existencial e o tempo passado online.

Matriz de Correlações

| | | ANS | Tempo online |
|---|---|---|---|
| ANS | R de Pearson | — | |
| | gl | — | |
| | p-value | — | |
| Tempo online | R de Pearson | 0.031 | — |
| | gl | 142 | — |
| | p-value | 0.716 | — |

*Nota.* * p < .05, ** p < .01, *** p < .001

**Tabelas 8:** Efeito de mediação e moderação da ansiedade existencial na relação entre o tempo passado *online* e o nível de radicalização política.

Mediation Estimates

| Effect | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Indirect | 1.22e-4 | 9.57e-4 | 0.128 | 0.898 |
| Direct | 0.0618 | 0.0294 | 2.104 | 0.035 |
| Total | 0.0620 | 0.0294 | 2.109 | 0.035 |

Path Estimates

| | | | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Tempo online | → | ANS | 0.00399 | 0.0109 | 0.367 | 0.714 |
| ANS | → | ARIS(1-8) | 0.03064 | 0.2251 | 0.136 | 0.892 |
| Tempo online | → | ARIS(1-8) | 0.06184 | 0.0294 | 2.104 | 0.035 |

Moderation Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Tempo online | 0.0640 | 0.0295 | 2.170 | 0.030 |
| ANS | 0.0331 | 0.2246 | 0.147 | 0.883 |
| Tempo online ✻ ANS | -0.0125 | 0.0176 | -0.708 | 0.479 |

**Tabelas 9:** Fiabilidade das escalas relativas ao contexto *online* e *offline.*

Estatísticas de Fiabilidade de Escala

| | α de Cronbach |
|---|---|
| Cont.On | 0.680 |

*Estatísticas de Fiabilidade de Escala*

| | *α de Cronbach* |
|---|---|
| *Cont.Off* | *0.712* |

**Tabelas 10:** Efeito de moderação da idade na relação entre o tempo passado online e o nível de radicalização política.

Moderation Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| Tempo online | 0.0640 | 0.0287 | 2.228 | 0.026 |
| Idade | -0.1027 | 0.1444 | -0.711 | 0.477 |
| Tempo online ✻ Idade | 0.0248 | 0.0135 | 1.840 | 0.066 |

Simple Slope Estimates

| | Estimate | SE | Z | p |
|---|---|---|---|---|
| **Average** | **0.06411** | **0.0293** | **2.1894** | **0.029** |
| Low (-1SD) | -0.00262 | 0.0446 | -0.0587 | 0.953 |
| **High (+1SD)** | **0.13084** | **0.0488** | **2.6798** | **0.007** |

*Nota.* shows the effect of the predictor (Tempo online) on the dependent variable (ARIS(1-8)) at different levels of the moderator (Idade)

**Tabelas 11:** T-teste para amostras emparelhadas, referentes às variáveis “Cont.On” e “Cont.Off”

Teste t para amostras emparelhadas

| | | | estatística | gl | p | Diferença média | Erro-padrão da Diferença | | Dimensão do Efeito |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Cntx.On | Contx.Off | t de Student | -2.79 | 143 | 0.006 | -0.205 | 0.0735 | d de Cohen | -0.232 |

*Nota.* $H_a$ $\mu_{\text{Medida 1 - Medida 2}} \neq 0$

Estatística Descritiva

| | N | Média | Mediana | Desvio-padrão | Erro-padrão |
|---|---|---|---|---|---|
| Cntx.On | 144 | 4.53 | 4.50 | 0.823 | 0.0686 |
| Contx.Off | 144 | 4.74 | 4.75 | 0.754 | 0.0628 |